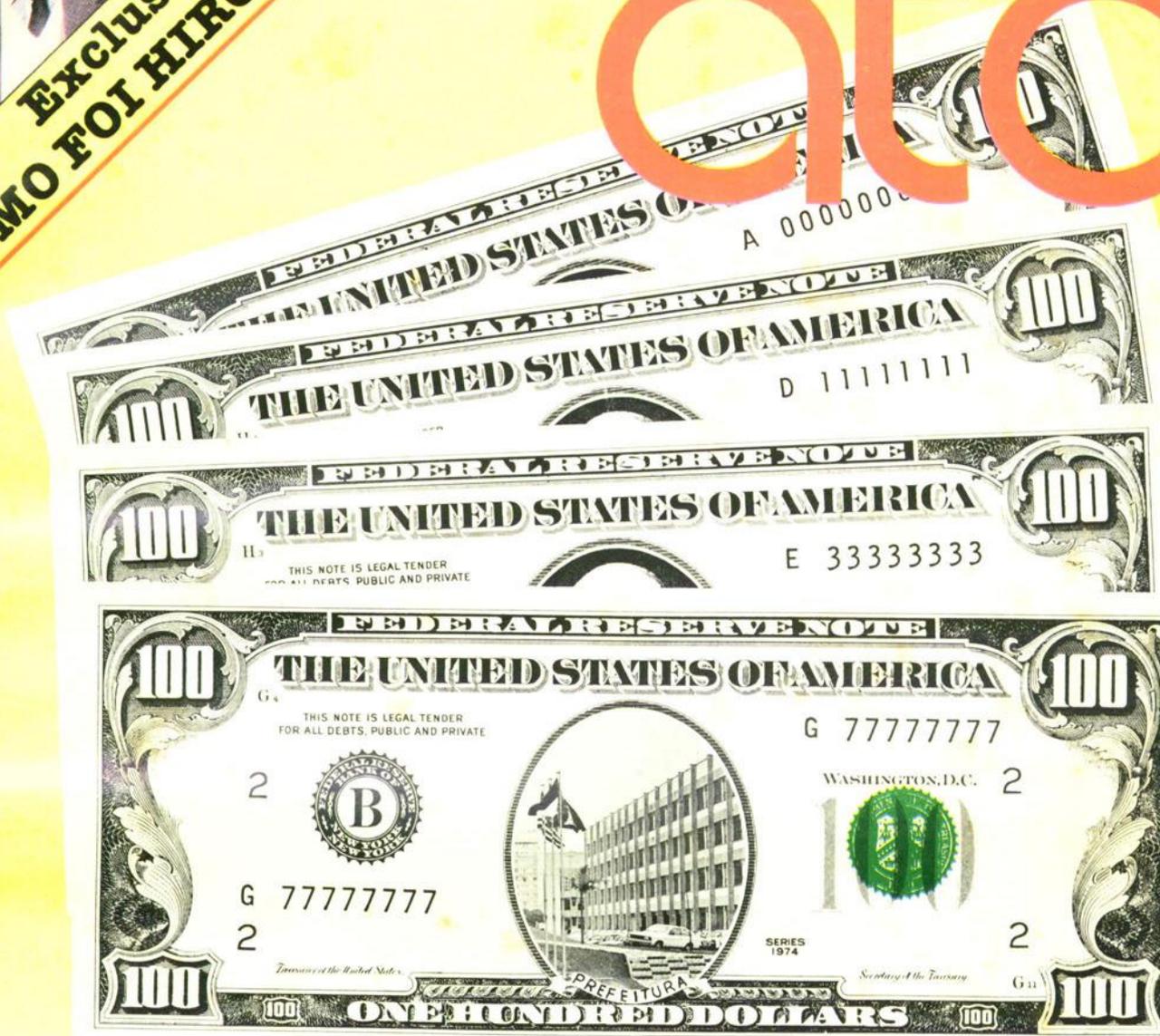


**Exclusivo  
COMO FOI HIROSHIMA**

EDITORA ATO - ANO IV N.º 21  
OUTUBRO DE 1984 - Cr\$ 1.500,

**ato**

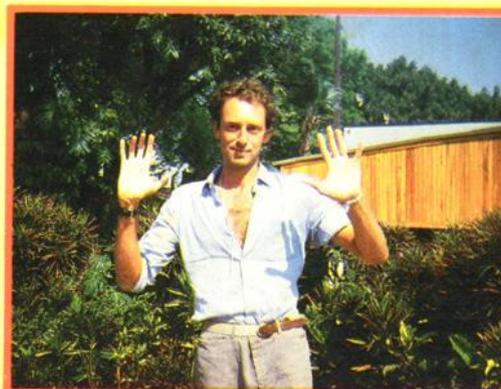


U\$. 10 MILHÕES

# O EMPRÉSTIMO ABSURDO



Júlio Simões,  
os sonhos  
do imigrante



Estas mãos  
remaram  
7.000 km

# Vá se esfregar.



Convite.  
Vá se esfregar. Vá se enxugar.  
Vá se gostar. Com Soft. A toalha  
mais fofa que a sua pele já  
experimentou. As cores mais  
bonitas que os seus olhos já  
encontraram.

Que as cores de Soft são  
muitas e bonitas você pode  
conferir neste anúncio.  
Mas, como ela é fofinha, só  
mesmo ao vivo. Aceite nosso  
convite: vá se esfregar.  
Com Soft.

Toalhas  
**Santista**  **Soft**



## ABERTURA

**A**TO abre a presente edição com uma reportagem exclusiva para seus leitores: descobriu o japonês Tsutomu Fujisaki, gerente da Divisão de Engenharia e Desenvolvimento de Produtos Mecânicos da Elgin Máquinas S.A., e tomou dele um trágico depoimento sobre um momento que não só marcou sua vida, mas a de toda a humanidade do pós-guerra – Fujisaki é sobrevivente da bomba atômica de Hiroshima, lançada pelos Estados Unidos na manhã do dia 6 de agosto de 1945. Em seu relato, 39 anos depois, o engenheiro da Elgin, que ficou um ano e meio na cidade destruída para concluir seu curso superior, conta como conseguiu escapar da catástrofe, lembrando a visão de horror que teve ao se defrontar com os escombros do primeiro alvo civil da era nuclear.

\*\*\*

Às vésperas do 12 de outubro, o Dia da Criança, ATO aproveita para traçar um perfil da infância mogiana, um trabalho que tentou levantar quem é hoje o menino e a menina desta cidade – o que fazem, sua opinião a respeito do momento em que vivem e o que esperam de Mogi. Algumas das constatações da reportagem: a infância representa uma respeitável fatia do mercado consumidor, ela lê muito pouco e está de olhos pregados nas telas dos televisores.



No plano político interno ATO preocupou-se mais uma vez com a Prefeitura Municipal, que desta vez desfechando ofensiva desenvolvimentista, queria emprestar US\$ 10 milhões para obras que julga necessárias à cidade, entre elas a construção de uma avenida perimetral. Se é

certo que obras são importantes para a cidade, não é menos correto pensar-se no risco que um empreendimento desses traria. Para citar só um exemplo, basta lembrar o caso de São Caetano do Sul, hoje às portas da falência por ter entrado em situação semelhante. Os temores eram ainda mais justificados pelo baixo nível de credibilidade que a administração tem. No final de todo esse *imbroglio*, o PMDB acabou fechando questão contra o empréstimo e obteve sua primeira grande vitória sobre o prefeito, pois os vereadores do partido ficaram proibidos de votar a favor desse empréstimo.

\*\*\*

ATO fala ainda neste seu 21.º número de Tancredo e Maluf, com os mogianos Jair Bueris e Antonio Andary, defendendo suas escolhas, respectivamente Tancredo e Maluf; dos problemas enfrentados pela rodovia Mogi-Bertioga; apresentando também os mogianos que aderiram aos exercícios físicos para manter a forma e evitar, principalmente, a vida sedentária.

F.L.

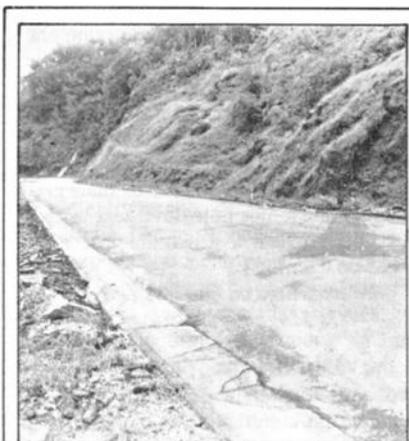
## LEIA

### TURISMO

Veja na seção Panorama para quanto foi o preço das passagens aéreas entre São Paulo e as principais capitais. Panorama está nas páginas 16 e 17.



A fantástica e emocionante história de Amyr Klink é contada a partir da página 24. Ele atravessou, em 101 dias, o Atlântico Sul em um barco a remo.  
Página 24.



Falou-se muito das condições da rodovia Mogi-Bertioga e ATO fez uma viagem por ela para ver como estavam seus problemas. Está tudo bem.  
Página 27.

### TEATRO

Em São Paulo, Bibi Ferreira reencarna Edith Piaf num desempenho considerado extraordinário pela crítica especializada. A própria Bibi se emociona.  
Página 20.



A Associação Comercial realizou a primeira Semana do Consumidor e descobriu que, em momentos de crise, promoções como essa têm sucesso garantido.  
Página 30.

# E

Artes e Espetáculos ..... 20 e 21  
Cartas ..... 4  
Gente ..... 18 e 19

Negócios ..... 5  
Opinião ..... 34  
Painel ..... 6

Panorama ..... 16 e 17  
Política ..... 32  
Ponto de Encontro ..... 31



## Orgulho de Mogi



Gostaria, em meu nome e no de minha diretoria, agradecer o apoio que temos recebido da revista ATO. Extremamente feliz o debate sobre o comércio mogiano, ocasião em que diversos comerciantes dos mais diferentes ramos puderam dar uma amostra ampla e perfeita de como está se portando essa nossa atividade e suas perspectivas de futuro, num momento tão difícil como o que atravessa atualmente a economia brasileira. A personalidade marcante, a seriedade e a coragem fazem da revista ATO o orgulho de nossa cidade, por isso mesmo tendo toda a nossa admiração. Contem sempre com o nosso apoio.

*Airton Nogueira*  
Presidente da Associação  
Comercial de Mogi das Cruzes

## Verdadeira e honesta

Ao atingir seu 20.º número, escrevo a ATO para salientar que em tão pouco tempo a revista atingiu um invejável grau de comunicação, estando ao lado das melhores revistas brasileiras. Outro aspecto, e que refuto de suma importância, é a maneira imparcial e sobretudo honesta pela qual ela desenvolve as reportagens, atingindo e agradando a todas as classes sociais, e, como é normal, muitas vezes desagradando a alguns, exatamente por causa dessa honestidade. Desnecessário tecer maiores comentários sobre as qualidades da revista ATO, pois tenho plena convicção de que ela continuará trilhando o caminho da verdadeira e honesta informação.

*José Beraldo*  
Mogi das Cruzes

Desejo à revista o mesmo sucesso alcançado até agora. ATO é hoje parte integrante e essencial para Mogi das Cruzes.

*Marcos Razjdzpel Pena*  
Mogi das Cruzes

## O Gateball

Fiquei muito interessada depois de ler a reportagem sobre esse novo esporte, o Gateball, comentado no número 19 da revista ATO. Por isso, gostaria que a revista publicasse mais detalhes sobre a modalidade.

*Mieka Fujihara*  
Suzano

## E a colônia?

Gostaria de saber dos senhores editores de ATO se não haveria a possibilidade de se fazer uma grande reportagem sobre a colônia japonesa de Mogi. Ela, como todos sabem, teve e tem grande participação e importância na vida da cidade.

*Célia Maria Nakasone*  
Mogi das Cruzes

## Monumentos perdidos

Por meio desta estou sugerindo à revista um levantamento sobre a destruição de nossos monumentos históricos. Hoje, quem chega a Mogi não acredita que ela tenha mais de 400 anos. Afinal, quem acreditaria nisso? A não ser pelas ruas estreitas, desapareceram todas as marcas do nosso passado. Sumiram com a igreja do Rosário, destruíram a chácara da Ya-Ya, só para falar em dois casos mais gritantes. O que temos hoje deve-se a verdadeiro milagre – o teatro municipal e as igrejas do Carmo.

*Maria Augusta Queiroz Teles*  
Mogi das Cruzes

## Dia da Imprensa

Recebemos do prefeito Machado Teixeira telegrama de congratulações pela passagem do Dia da Imprensa. Nele, Machado diz que a revista ATO tem prestado "relevantes serviços ao município", ao informar assuntos de "interesse da comunidade".

---

*Cartas para ATO,*  
*rua Capitão Manoel Caetano, 203,*  
*Mogi das Cruzes – SP*  
*CEP – 08700*

---

revista  
**ato**

**Diretor**  
Márcio de Paula

**Diretor Administrativo**  
Benedito Wilson de Freitas

**Editor Responsável**  
Fernando Leal

**Diagramação**  
Dirceu Roque de Sousa

**Produção Gráfica**  
Mário Tadeu Rosas

**Publicidade**  
Dig Jayme Guesso Leão  
Robson Regato

**Circulação**  
Édson Pereira

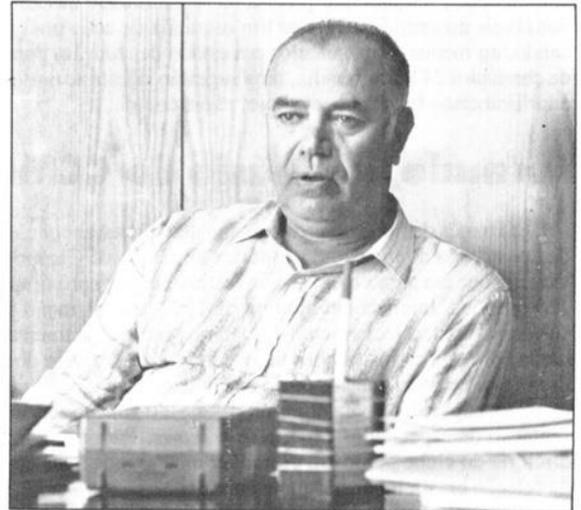
**Redação**  
Fernando Leal, Vanice Assaz, Dirceu Roque de Sousa, Denise Caboclo e Marcos Lima.

**Colaboradores**  
Carlos Chagas (Brasília), Roberto Godoy e Wilson Marini (Campinas), José Carlos Santana (Londres), Darwin Valente, EME e Lenilde Pacheco (Mogi das Cruzes), José Roberto de Alencar (Rio de Janeiro), Amado Neto e Flávio Nery (São José dos Campos), Berenice Guimarães, Carlos Soh, Clóvis Garcia, Efigênia Menna Barreto, Floreal Rodrigues Rosa, Francisco Augusti, João Pires, José Fernando Lefcadito Álvares, Leonor Amarante, Luciano Dias Pires Filho, Luís Fernando Emediado, Luiz Nassif, Maria Inês de Camargo, Mariângela Alves de Lima, Renato Lombardi, Rubens Ewald Filho, Sérgio Vaz e Vital Bataglia (São Paulo).

ATO é uma publicação mensal da Ato Editora e Publicidade Ltda., Av. Nazaré, 1.054, telefone: 914-2377, CGC 46249439/0001-53, São Paulo, Capital. Redação, publicidade e correspondência, R. Capitão Manoel Caetano, 203, Mogi das Cruzes, telefone: 469-0502, SP. Registrada na Divisão de Censura do DPF sob número 2.305 – P. 209/73. ATO é distribuída gratuitamente por mala direta e também vendida em banca. Circulação: Mogi das Cruzes e região. Tiragem desta edição: 15 mil exemplares. Composição: Takano Artes Gráficas Ltda. Fotolito e Impressão Ato Editora e Publicidade Ltda.

# Com o pé na estrada

*Simões era mecânico. Hoje, dirige uma das maiores transportadoras do país*



Os caminhões: cuidados com a renovação da frota

Simões: de olho no Exterior

Quando desembarcou em Mogi, em 1952, Júlio Simões, 56 anos, nascido na cidade portuguesa de Alvorje e naturalizado brasileiro, tinha um antigo sonho: ter um caminhão. Depois de trabalhar quatro anos como mecânico na Empresa Mogi das Cruzes Ltda, comprou o primeiro caminhão de uma frota que tem hoje 145 veículos. Sua empresa, a Júlio Simões S/A, tem patrimônio líquido de Cr\$ 3,9 bilhões e está entre as 20 maiores do país. Simões, um respeitado empresário, não gosta de entrevistas e dificilmente as concede. Seus planos imediatos vão desde a renovação da frota — uma preocupação constante, tanto que ele a remodela de quatro em quatro anos —, até a instalação de linhas internacionais, ligando o Brasil ao Cone Sul, onde existe a previsão de instalar filiais.

**ATO-** Para quem começou de um caminhão não é difícil imaginar que as dificuldades não foram pequenas...

**SIMÕES-** Realmente. Quando se começa do nada, sempre há dificuldades, tanto durante o início como após a empresa já estar sólida. A convivência com os grandes concorrentes nos trouxe problemas. Entre 1969 e 73, eles nos cercavam por todos os lados, tentando impedir nosso avanço dentro do transporte de ferro e aço, que é nosso forte até hoje. Estas horas são realmente difíceis, pois tudo tem um preço e na hora em que você paga para crescer, ele é muito alto.

**ATO-** O aço e o ferro foram desde o início o caminho, ou esse filão apareceu depois?

**SIMÕES-** Não. Entre 67 e 71 transportávamos hortaliças de Mogi para o Rio de Janeiro. Daí pra frente, o transporte voltou-se quase que

totalmente para o ferro e o aço: 95% de nosso faturamento atual vêm dos negócios efetuados com aço, que é transportado para empresas estatais e grandes conglomerados privados com destino à indústria automobilística e de construção civil. Além disso, estamos trabalhando com a Petrobrás e, durante 18 anos, transportamos com exclusividade para a Cia. Suzano de Papel e Celulose.

**ATO-** A crise econômica, que afetou a indústria automobilística e a da construção civil, que reflexos teve em sua empresa?

**SIMÕES-** Sem dúvida, houve uma queda no volume de transporte, a partir de 81. Para se ter uma idéia, entre os anos de 73 e 80, levávamos uma média de 120 mil toneladas/mês de aço. Esse número chegou a cair para 50 mil toneladas mensais, no início da crise. Hoje, estamos estabilizados em 70 mil toneladas por mês.

**ATO-** Como uma empresa do porte da Júlio Simões enfrenta as constantes altas nos preços dos combustíveis? Que tipo de planejamento isso exige?

**SIMÕES-** Quando ocorrem reajustes, procuramos repassá-los aos clientes o que, às vezes, torna-se difícil, a curto prazo. Assim, só após 30, 60 dias é que conseguimos corrigir a defasagem. Geralmente, junto às empresas privadas, há um contrato estabelecendo aumentos nos preços dos fretes sucessivamente ao reajuste nos combustíveis. Para as estatais, os aumentos são automáticos a cada 90 dias. Este quadro acaba, muitas vezes, onerando nosso trabalho.

**ATO-** O Brasil dos anos 80 enfrenta a maior crise de todos os tempos. Quais as perspectivas do setor?

**SIMÕES-** A crise nos anos de 81 e 82 foi

forte, ocorrendo uma pequena reativação em 83. Agora, os negócios caminham gradativamente para melhor e isso é real: há pouco adquirimos 13 novos caminhões e contratamos 80 funcionários.

**ATO-** E os rotineiros assaltos e desvios de carga, com enormes prejuízos e desaparecimento não só da carga, mas também dos caminhões?

**SIMÕES-** Ultimamente, para nós, eles têm sido raros, mas houve períodos em que ocorreram 10 assaltos em apenas um ano. Tivemos um caminhão roubado e até hoje não encontrado.

**ATO-** Como estão as estradas em nossa região?

**SIMÕES-** A construção da Via Leste veio sanar os problemas enfrentados com estradas e acessos no eixo Rio-São Paulo. Nem mesmo para o Grande ABC há dificuldades no que diz respeito a estradas. Comparando a situação atual com as ligações que existiam há 20 ou 30 anos, as estradas da região são maravilhosas.

**ATO-** Existe algum plano de expansão, o que a Júlio Simões pretende fazer até o final dos anos 80?

**SIMÕES-** Uma de nossas principais preocupações é equipar cada vez melhor nossa frota, que, até o final deste ano, contará com mais de 30 caminhões que suportam cargas de 25 até 300 toneladas. Esta frota é renovada num espaço máximo de quatro anos. Estamos pensando também na instalação de linhas internacionais, que, basicamente, atenderão países como Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai, onde, no futuro, poderão ser implantadas novas filiais de nossa empresa. ●

Denise Caboclo

## Em Mogi faltam ambulâncias

Em Mogi das Cruzes, cada 21 mil habitantes depende de uma só ambulância para casos de extrema necessidade e, assim mesmo, se ocorrer num horário em que esteja a disposição, ou que o cidadão possa arcar com as despesas do serviço, já que os hospitais que possuem o veículo, embora sejam conveniados com o Inamps, não podem incluir as despesas nas quotas pagas pela Previdência Social. Com 230 mil habitantes, a cidade possui somente 11 ambulâncias — a maioria em precária situação e fazendo viagens diárias para São Paulo, levando e trazendo pacientes que necessitam tratamentos especiais. Além de um maior número de ambulâncias, o município precisa da sensibilidade das autoridades responsáveis no sentido de armar um esquema de ação mais lógico, colocando, ao menos, dois veículos em estado de atenção, parados à espera de chamados 24 horas por dia, uma sugestão já feita ao prefeito pelo vereador Francisco Bezerra e, até hoje, não atendida.

## Em maio, o ginásio do CCMC

Até o mês de maio do próximo ano deverão estar concluídas as obras de construção do ginásio de esportes do Clube de Campo de Mogi das Cruzes, que até agora exigiram investimentos de aproximadamente Cr\$ 120 milhões. Iniciada em outubro de 1982, a construção já chegou em sua etapa final: o fechamento das laterais está praticamente pronto, restando somente as instalações da quadra poliesportiva e dos sistemas de iluminação e som, que aos preços de hoje custam Cr\$ 50 milhões.

Com capacidade para duas mil pessoas, o ginásio servirá para a apresentação de espetáculos esportivos e *shows*. Para a sua inauguração, a diretoria do clube pensa em promover uma grande festa com a presença da seleção brasileira de basquete ou vôlei.

## Teixeira, empinando papagaios

Trajado esportivamente, de calças jeans, tênis e boné "Brasil Esperança", o vereador malufista Luís Alves Teixeira, do PDS, não ficou muito satisfeito no III Torneio de Pipas do Vila Santista, realizado no início de setembro. Primeiro, teve de amargar, aos 50 anos, a medalha de concorrente mais idoso entre os participantes. Depois, outra decepção: ver a enorme pipa Maluf, um papagaio preto com a foto do candidato pedessista à presidência da República colada na parte superior, não subir, apesar do esforço e das inúteis corridas de seu proprietário, um outro concorrente da prova. O advogado Ricardo Arouca, do PMDB, com uma pipa estrela, cujo rabo levava uma espécie de hélice, abocanhrou prêmio de originalidade.

## Jacareí expõe sua pecuária



O prefeito Thelmo Cruz

tem o sentido de centralizar, em seu território, toda a produção de gado da região, transformando Jacareí numa vitrine agropecuarista para todo o Estado. Representa, ainda, a seqüência de trabalho da Escola Agrícola Cônego José Bento, uma das mais antigas e tradicionais de São Paulo. O prefeito da cidade, Thelmo de Almeida Cruz, do PMDB, acredita que neste ano os resultados serão melhores, já que "a estrutura da 2.ª Fepija foi melhor planejada, facilitando na demonstração do potencial de criação agrícola e pecuarista da região."

No próximo dia 13, será aberta em Jacareí a 2.ª Feira Agropecuária e Industrial envolvendo produtores da região num extenso programa de atividades, desde a exposição de animais e hostifrutigrangeiros, até os tradicionais torneios de laço e rodeio. Para a cidade, que hoje possui uma população de 150 mil pessoas e arrecadará, neste ano, cerca de Cr\$ 16 bilhões em ICM, perdendo apenas para São José dos Campos no Vale do Paraíba, a feira

## Bebês tem curso de natação

Com uma piscina térmica de temperatura média entre 30 e 32°, de 7 x 14 metros e profundidade de 1,40, já está funcionando, no centro da cidade, a Lago Azul, escola de natação que tem como principal novidade um curso exclusivo para bebês. Os alunos terão, ainda,



Valerini e Moura, pelos bebês

ótimo aparato médico-educacional: José de Moura Campos Neto e Walter Luiz Valerini, proprietários da escola, são, respectivamente, clínico geral, especializado em patologia e professor de Educação Física da Unimep na cadeira de natação e handebol.

## Mais demissões na Prefeitura

O temor das demissões ainda continua rondando a Prefeitura. Segundo o vereador Ivan Siqueira, líder do prefeito na Câmara, elas ainda acontecerão em grande número até o final do ano. As informações dão conta de que pelo menos 300 funcionários serão demitidos com o esquema preparado e estudado pelo atual secretário do Planejamento, Emil Tenzer. As dispensas estão ocorrendo gradualmente, de maneira a não causar grandes comoveções e possibilitar a organização de movimentos de protesto, embora a incerteza colabore para aumentar o clima de ansiedade e terror dentro da Prefeitura.

## Homens públicos, armados

A onda de violência que causa grande insegurança nos dias de hoje fez com que boa parte da população passasse a andar armada, uma providência, aliás, mais perigosa que a própria violência. O presidente da Codemo, Anselmo Bonini, traz em sua bolsa um revólver, mesma decisão tomada pelos vereadores José Carlos de Souza e José Antonio Caria.

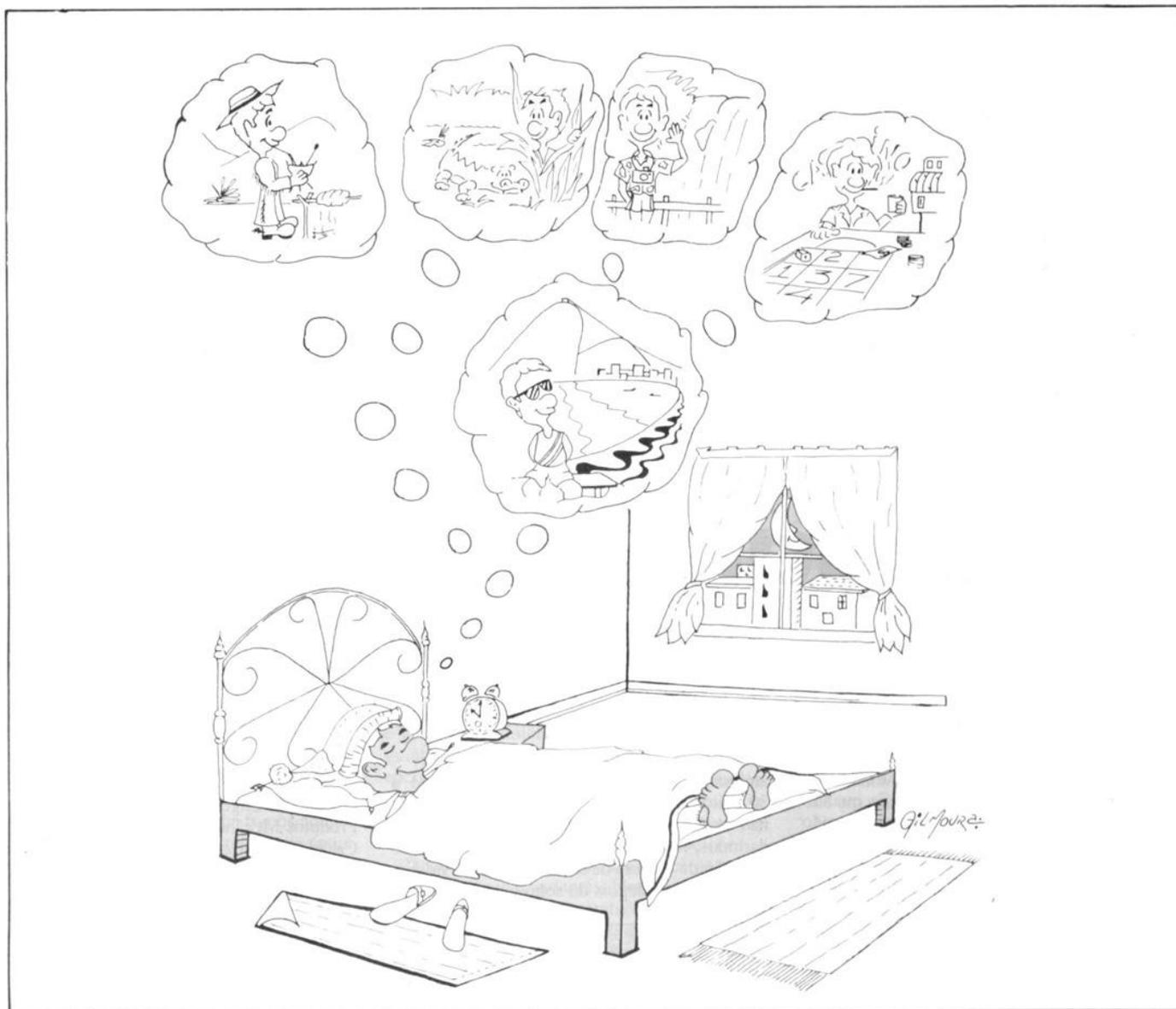
## Nas ruas, vôlei e não futebol

Apesar de não ter não ter ganho a medalha de ouro em Los Angeles, como era esperado, o segundo lugar conseguido pela seleção brasileira de vôlei masculino serviu para manter o entusiasmo dos jovens mogianos, que há dois anos, com a ascensão da modalidade, passaram a se dedicar ao esporte. Nas escolas, os professores de Educação Física continuam anotando o aumento de procura, enquanto nas ruas da cidade, os então tradicionais tijolos que representavam o gol foram trocados por um barbante esticado a mais de dois metros do chão. Mas se os mogianos trocaram o bate-bola pelo vôlei, o que se percebe em ruas do Mogilar, Shangai e Socorro, a medalha de ouro ganha por Joaquim Cruz, uma das maiores façanhas já obtidas pelo esporte brasileiro, não trouxe novos adeptos para as pistas.

## Apae mostra seu trabalho

Depois de realizar com sucesso — as 80 vagas disponíveis foram preenchidas e houve recusa de mais interessados — o curso de 40 horas que teve como tema "O deficiente mental e a instituição", a Associação de Pais e Amigos do Excepcionais — APAE — de Mogi das Cruzes já está preparada para a sua 5.ª Festa da Amizade, que se realiza entre os dias 6 e 20 de outubro. Segundo a presidente da entidade, Nilza Ariza, a promoção busca como objetivo básico levar a comunidade para a APAE para conhecer o trabalho que lá se desenvolve. Durante a festa haverá *shows*, jantares, almoços e venda dos artesanatos confeccionados pelos alunos da entidade.

# REALIZE AS VIAGENS DOS SEUS SONHOS. A CVC TUR ESTÁ AÍ PARA ISSO.



Não perca mais tempo. Você merece um descanso. Viaje. Com os melhores preços e em até 5 pagamentos sem juros, você conhece qualquer lugar do mundo com a CVCtur. Viagens aéreas e terrestres com completo serviço de bordo, os melhores hotéis, guia acompanhante, passeios completos e muito mais.  
Nordeste Espetacular, Nordeste Sol e Mar, Porto Seguro,

Norte/Nordeste, Bahia, Sul – litoral e serras, Foz do Iguaçu, Buenos Aires/Montevidéu/Punta del Este, Rio de Janeiro, Asuncion, Pousada do Rio Quente, Pantanal Mato-grossense, etc...

Peça informações destes e muitos outros programas

**DESCONTO ESPECIAL AOS ALUNOS DA SÃO MARCOS**

São Paulo: Av. Bernardino de Campos, 98 - loja 6 fone 284-2899

ABC: R. Dr. Cesário Motta, 468 - Centro - Santo André fone 454-5744

São José dos Campos: Shopping Center - loja 24 fone (0132) 21-0822



Hiroshima: um amontoado de destroços depois da catástrofe



O estudante Fujisaki

DEPOIMENTO

# Recordando Hiroshima

*ATO descobre em Mogi um sobrevivente do ataque nuclear dos americanos à Hiroshima. Veja o seu relato e como Tsutomu Fujisaki escapou*

**T**sutomu Fujisaki tinha 21 anos e estudava na Universidade de Hiroshima quando os americanos assombraram o mundo lançando sobre a cidade a primeira bomba atômica, no dia 6 de agosto de 1945, matando milhares de pessoas, ferindo várias centenas e iniciando uma era de pânico e terror coletivo. Tsutomu estava terminando o curso de Engenharia Mecânica e torcia para que a guerra não acabasse impedindo sua formatura, pois todas as outras escolas, menos a faculdade de Medicina e a sua, já haviam encerrado suas atividades por falta de condições e mesmo de alunos, todos no *front*. Os dias eram difíceis em Hiroshima e não havia, durante as noites, maneira de estudar, por causa dos *black-outs*. Isso fez com que Tsutomu, nascido em Fukuoka, onde a família continuava a residir, resolvesse, com os

amigos, ir morar numa pequena cidade, Saijo, a 30 quilômetros de Hiroshima, onde os alarmes não eram tão frequentes e todos poderiam estudar mais, fora do horário de aulas, enfrentando uma rápida viagem de trem até a Universidade. Hoje, 39 anos depois de sobreviver ao massa-

cre, Tsutomu, 60 anos, dois filhos, é gerente da Divisão de Engenharia e Desenvolvimento de Produtos Mecânicos da Elgin Máquinas S.A.. Casado com uma brasileira e no país desde 52, ele nunca mais voltou a Hiroshima, embora visite habitualmente o Japão.



A cidade hoje, sem esquecer o 6 de agosto

Crítico da corrida armamentista, Tsutomu acredita que todo o dinheiro gasto com armas nucleares deveria ser aplicado nos países mais pobres, e apóia as leis que impedem o Japão de entrar para o clube atômico. Descendente de uma família de samurais, esse japonês diz não ter medo de nada – afinal, já enfrentou as piores situações que uma pessoa pode conhecer. E garante: uma bomba do arsenal nuclear atual, detonada, acaba com 80% do mundo. Aqui, ele conta com exclusividade para **ATO** como conseguiu escapar do terror de Hiroshima.

**E**u sentia que alguma coisa muito especial estava reservada para Hiroshima. Meus companheiros também sentiam isso e tínhamos muitos motivos para pensar assim. Uma delas era porque a cidade não havia sido atacada uma única vez pelos aviões. Por que isso acontecia? Sabíamos da existência de bombas atômicas, graças ao nosso professor de Química que estava estudando tudo isso e comentava detalhes conosco, mas não imaginávamos que seria esta a surpresa reservada para Hiroshima. Lembro que me mudei para a pensão em Saijo, a 30 quilômetros da escola, no dia 31 de julho de 45, e que no domingo seguinte, dia 5 de agosto, recebi a visita de um colega. Ele resolveu dormir em Saijo para no dia seguinte irmos para Hiroshima.

Depois do jantar enquanto conversávamos tomamos muito saquê e por isso perdemos a hora na segunda feira.

Tínhamos de pegar o trem das 6h15 e acordamos 15 minutos depois disso, mas mesmo assim corremos para a estação, na esperança de pegarmos a composição seguinte. Estranhamente, o trem das 6h15 estava atrasado e chegamos a vê-lo, mas desistimos de embarcar, já que vinha lotado e o trem seguinte não demoraria. Foi o que nos salvou. Estávamos sentados na estação quando, exatamente às 8h15, naquele céu muito azul, sem nuvens, sentimos e vimos uma fortíssima faísca, como as de eletricidade, para, minutos depois, começar a ouvir aquele barulho muito estranho, como uma turbulência, vindo de Hiroshima.

Corremos, olhamos para aquele lado e aí vimos o cogumelo prateado. Hiroshima possuía muitos tanques de petróleo e imaginamos inicialmente que era explosão em um depósito. Enquanto isso, o trem chegou e sem imaginarmos o que estava acontecendo embarcamos. Três estações antes de Hiroshima fomos comunicados de que a composição retornaria, pois algo muito estranho estava acontecendo na cidade e as linhas estavam impedidas.

Meu amigo desceu antes de mim e eu voltei para Saijo, onde encontrei com a dona de minha pensão. Assaltou-me a idéia de que haviam



Por causa do saquê

jogado a bomba atômica sobre a cidade onde eu estudava. Ela perguntou se eu havia chegado até Hiroshima porque queria saber o que tinha causado tantas mortes e feridos – já tinha visto caminhões lotados de pessoas mortas e queimadas. Era a bomba. Na mesma hora fui para a estação pensando encontrar amigos que deveriam ter tomado o habitual trem das 6h15. Encontrei um deles, muito queimado que me contou ter chegado a Hiroshima, descido do trem e pego o bonde para a Universidade.

Foi dentro do bonde que a bomba o pegou. Ele, por segundos, viu a mesma faísca que vi de Saijo e, cego, tentou sair do bonde descarrilado pelo forte deslocamento de ar provocado pela explosão arrastando-se sobre os corpos. Logo que começou a enxergar viu aquela chuva preta que caía sobre todo o lugar. Um caminhão militar o recolheu e levou até a pensão. Cuidei dele e voltei para a minha, decidido a ir, no dia seguinte, 7 de agosto, até Hiroshima para tentar encontrar meus companheiros. Fui. Quando cheguei levei o primeiro choque, com a estação ferroviária: ela era de concreto e estava no chão, não havendo um só trem em condições.

Segui a pé, pelos trilhos, e a estação não era nada perto do que vi depois. Nem mesmo os infernos já pintados ou retratados pelo cinema chagavam próximo daquilo que eu via: pessoas perambulando perdidas, traumatizadas, quei-

madas. Crianças, velhos, homens e mulheres – não havia nem mesmo jeito de dizer quem era quem. Eu continuei a andar e a procurar um amigo. Estava um calor terrível e a água que eu havia levado no meu cantil joguei sobre minha cabeça, por isso, a primeira torneira que encontrei serviu para matar minha sede. Foi um erro. A água estava contaminada pela radiação.

Dei notícias minhas na escola, que não foi destruída, e voltei para a pensão, onde o amigo que procurava já tinha chegado, muito queimado mas salvo até aquela hora. Três dias depois ele morria, enquanto o outro, o primeiro que reencontrei, quatro dias depois também não resistiu. Eu os vi morrer e posso dizer que foi muito triste. Eles ficaram conscientes até uma hora antes, mas nos últimos minutos deliravam e gritavam muito, enlouquecidos com o que tinha acontecido. Fiz, para cada um, uma fogueira e queimei seus corpos, guardando as cinzas nos capacetes que éramos obrigados a usar no tempo de guerra, pensando em entregar os restos aos pais deles quando pudesse.

A água radioativa que tinha tomado fazia efeito. Comecei a sentir-me mal do estômago e também do intestino. Fui a um médico e medicado passei a fazer o teste que indicaria minha sorte: diariamente arrancava fios de cabelo, esperando que viessem com aquela pequena raiz branca: se o fio se soltasse sem ela, muito facilmente, a morte era certa.

Essa tortura me acompanhou nos quatro anos seguintes. Depois de três ou quatro dias os trens começaram a circular precariamente e aproveitei para enviar uma carta tranquilizadora a meus pais que, é lógico, me imaginavam mortos. Foram dias muito difíceis e eu sei que pensava como todos: sorte tinham tido aqueles que haviam morrido. Vivo, a dificuldade, o sacrifício e a responsabilidade eram muito maiores.

A destruição foi completa num raio de um quilômetro e meio do local onde caiu a bomba. No dia 20 daquele mês de agosto viajei para Fukuoka onde meus pais moravam, mas antes passei nas cidades de meus dois amigos para entregar seus capacetes e as cinzas às suas famílias. Algum tempo depois Hiroshima já voltava ao normal e a escola também retornava às suas atividades. Eu voltei para lá e fiquei mais um ano e meio, até me formar.

Foi só. Nunca mais vi Hiroshima, a cidade onde aprendi que a guerra é uma coisa muito triste e, sobretudo, que quem a ganha é que está certo, enquanto quem a perde, mesmo se tem direitos, está errado. Não é justo, mas é a guerra.

Vanice Assaz

**DOCES • BALAS • BISCOITOS • CHOCOLATES**  
**ARTIGOS PARA FESTAS**

PRODUTOS  
ALIMENTÍCIOS

**nectal**

**ATACADO E VAREJO**

**Rua Senador Dantas, 366 • Tel.: 469 5965 • Mogi das Cruzes • SP**



As crianças, acreditando num mundo melhor, mais simples e bonito

REPORTAGEM DE CAPA

# No mundo da criança

*Veja o que pensa, o que é e para onde vai a criança mogiana. A televisão é o seu principal professor, mas hoje ela sabe mais o que quer*

Um quadro sobre a infância mogiana não difere em nada da situação nacional e deve necessariamente começar pela televisão, o meio de comunicação de onde vem a maior parte das informações que uma criança recebe. É a partir dela que qualquer adulto compreende as diferenças entre a sua infância e a atual: na tela dos televisores está a explicação para o baixo índice de leitura dessa nova geração, da falta de apego aos jogos de rua e das peladas. A isso, é claro, deve-se acrescentar também o rápido processo de urbanização das cidades – e em Mogi são muitos os exemplos disso. Enquanto há vinte anos havia espaço mais que suficiente para se jogar futebol na antiga chácara de Ya-Ya Mello Freire, isso hoje é impossível, pois lá está o Centro Cívico e a Universidade de Mogi das Cruzes. É o caso também da várzea do Tietê, já praticamente ocu-

pada pela expansão do bairro Mogilar, sendo ainda essa a situação dos Jardins Santista, cujos espaços outrora vagos abrigavam meia dúzia de campos de futebol da garotada.

Se desapareceram os campos, também sumiram as ruas de terras, as bolinhas de gude e as pipas. Veio o calçamento e o asfalto. E, principalmente, chegou a televisão, que passou a imperar no final dos anos 60. Assim, a infância de agora vive num outro contexto – num mundo em que a TV, com mais de trinta anos, é apenas um dos fuchos da imensa parafernália tecnológica que surgiu após sua invenção. A garotada de hoje vive o ambiente do “ET, o extraterrestre”, e logo vai sonhar com as aventuras dos mocinhos de “Guerra nas Estrelas”. Por enquanto, mantém-se capturada pelos desenhos animados que utilizam efeitos de raio-laser. Os tempos mudaram – Roy Rodgers, O Fantasma,

ou O Cavaleiro Negro não dominam mais a fantasia infantil; está chegando a vez de outros heróis, dos seres interplanetários. O Robin Wood das crianças agora chama-se He-man. Assim, a grande diferença entre o moleque de hoje e o de vinte e tantos anos atrás está na evolução da tecnologia, aliás, na verdade a chave de tudo.

**KID ETIQUETA** – A coordenadora pedagógica Ana Cecília Moraes Bianchi, do NEC, 50 anos de idade e 33 anos de magistério, acredita que a televisão deveria ser melhor explorada, com mais programas educacionais e menos desenhos animados violentos. Para ela, a criança atual não deixou de ser criança, mas, pelo próprio contexto tecnológico, exige mudanças rápidas e busca, mais do que nunca, os seus direitos. “Antigamente a criança era mais dependente, mais ligada na educação familiar.



**Ana Cecília: sem mudanças**

Hoje, por receber um maior número de informações, tem evolução mais rápida, porém é mais insegura. No entanto, Ana Cecília é otimista quanto ao futuro desta criança pela sua capacidade de criação e pelo senso de liberdade que conquistou.

A infância, na verdade, continua com o seu espaço reservado. No comércio, por exemplo, qualquer loja dá destaque ao setor, um imenso potencial, como define o presidente da Associação Comercial e Industrial de Mogi das Cruzes, Airton Nogueira. Com três filhos menores, um deles apelidado de "Kid Etiqueta", Airton sabe que a garotada representa uma faixa considerável. Na rua Paulo Frontin, um dos principais centros comerciais da cidade, existem muitas casas que tratam exclusivamente dela, sem contar com os supermercados - atualizados, reservam um bom espaço aos artigos infantis. São roupas, brinquedos, gêneros alimentícios,

remédios e produtos para a higiene, que sempre têm por trás uma *griffe*.

Mais uma vez a televisão é responsabilizada. Para Airton ela é "o mal do século", que faz a criança exigir marcas. O *marketing* televisivo induz a garotada a consumir para não se sentir rejeitada pela sociedade. A criança de hoje veste Pierre Cardin, Op, calça Adidas, Topper, alimenta-se com enlatados Nestlé e trata da higiene com produtos Johnson & Johnson. Sem dúvida, o nível de consciência da criança atual mudou e está mais do que nunca vulnerável à propaganda. Ao perfil da criança, portanto não pode ser descartado o consumo.

Se há pouco os meninos divertiam-se na rua com bola de meia, hoje só se entretêm com uma de couro, principalmente aquela que leva uma marca famosa. É bem verdade que a tradicional bola de meia não foi esquecida na periferia, mas por simples questão econômica. No fundo, sonha-se com uma Penalty. E é nessa "nova realidade esportiva" que o vôlei passou a ser a paixão nacional de um país que exportou todos os seus grandes ídolos do futebol; agora qualquer moleque vibra com as levantadas de Willian, as jornadas de Bernard ou as cortadas de Renan - à linguagem popular ficaram incorporadas as palavras como saque, ponto, set e rolzão.

**RICARDO PRADO** - O professor de Educação Física Walter Luiz Valerini, 31 anos atribuiu essa ascensão do vôlei a uma razão bem simples. Trata-se, ao contrário do futebol, de um esporte de vitórias. Toda partida acaba com um vencedor e isso incentiva ainda mais a participação, principalmente das crianças, que vivem uma atualidade competitiva. Nesse ponto, o comerciante Miguel Garcia de Matheos Benitez, 34 anos, proprietário da Nico Esportes, concorda plenamente. Ele constata a subida do vôlei por suas próprias vendas. "Hoje, a bola de vôlei tem mais saída que a de futebol", garante. Entre os artigos mais vendidos estão as camisas da Pirelli ou da seleção e redes de vôlei. A própria loja passou a patrocinar, também o vôlei e a usufruir, conseqüentemente, de um retorno comercial mais seguro. A criança é seu cliente número um.

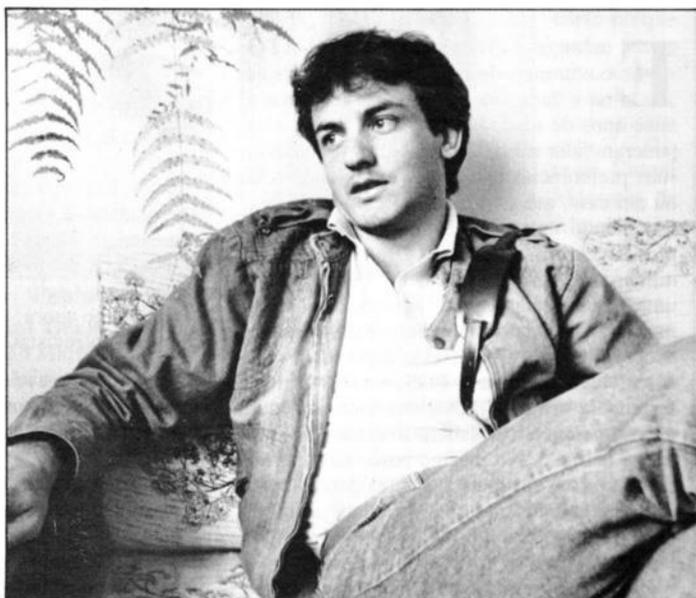
O menino mogiano também gosta de basquete e natação. O armador Nilo, da seleção brasileira de basquete, ex-São José e atualmente no Flamengo do Rio de Janeiro, é uma figura carismática entre as crianças. Mesmo diante de um reduzido esquema de divulgação, a ele pode ser creditado o pequeno desenvolvimento do basquete na cidade. Já a natação conta com dois fatores básicos: ampla campanha publicitária em torno do nome de Ricardo Prado e a medalha de prata nos 400 metros medley por ele conquistada em Los Angeles, nas Olimpíadas. Tanto assim que a linha de produtos Ricardo Prado, lançada pela Topper, é uma das recordistas de venda na Nico.

Outro esporte que deu sua arrancada foi o atletismo com o mito Joaquim Cruz, campeão olímpico dos 800 metros rasos. Já se percebe na cidade a febre dos corredores e é comum encontrar garotos "apostando corridas" pelas ruas. Entretanto, o país ainda não possui infraestrutura para tratar desses atletas em potencial. Joaquim Cruz é um exemplo. Há três anos treina nos Estados Unidos e somente lá recebeu o incentivo necessário para alcançar o pódio olímpico. Os centros esportivos construídos em Mogi das Cruzes mais parecem clubes de associados. Passam a semana inteira praticamente às moscas e, aos sábados e domingos recebem levadas de garotos à procura de lazer, somente isso. O professor de Educação Física Valerini aponta para um crescimento do esporte após 1980, quando começaram a surgir profissionais conscientes que tratam de todas as modalidades com o devido respeito. Na natação, ele desenvolve um profundo trabalho com crianças, não permitindo que elas mantenham compromisso com a vitória até os oito anos de idade. "Isso só deve ser incentivado após os dez anos", afirma.

Apesar de tudo, a tendência brasileira é de esquecer as conquistas esportivas mais rapidamente do que o esperado. Como a pedagoga Ana Cecília destacou, a criança requer mudanças rápidas, constatando-se, então, que tudo não passa de modismo. A olimpíada foi uma moda que passou e, lentamente, está sendo substituída pela avalanche atual, a informática,



**Benitez: mais bolas de vôlei**



**Valerini: mais profissionais**

com certeza um modismo de fôlego. Hoje, qualquer criança delicia-se com jogos eletrônicos e todos os mistérios de um microcomputador. Aí, tudo se encaixa como um perfeito quebra-cabeças. Já que o número de informações recebidas pelas crianças aumentou consideravelmente nos últimos anos, é fácil compreender porque ela absorve rapidamente esse maravilhoso mundo eletrônico.

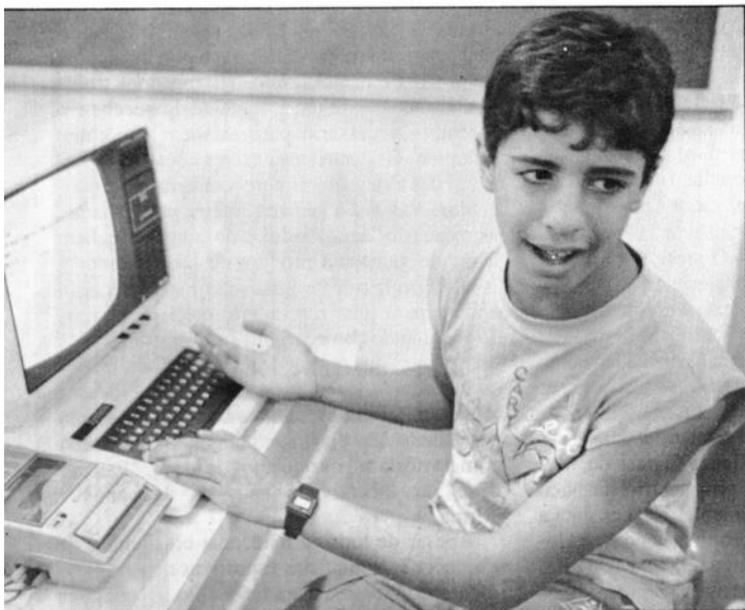
**APENAS UM BRINQUEDO** – Na verdade, os brinquedos eletrônicos entraram no país há mais de dez anos, mas sempre foram tratados com certa reserva. Eram simplesmente brinquedos e adquiridos somente pelas classes mais privilegiadas. Hoje, a visão mercadológica sucumbiu à realidade de que, no futuro, um microcomputador será encarado como aparelho eletrodoméstico, com variadas utilizações, desde o planejamento familiar até o mais

primário jogo programado. Por isso mesmo, a criança é quem toma a iniciativa de ensaiar os primeiros passos com um micro doméstico.

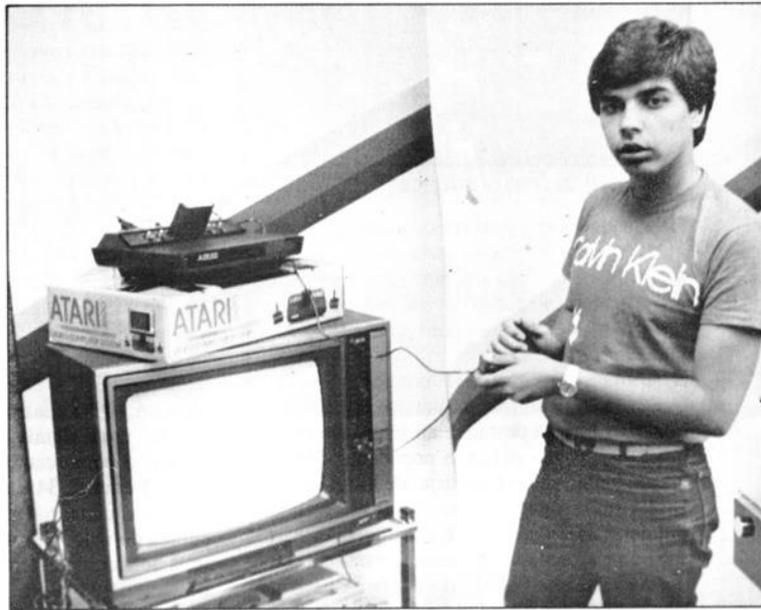
Marcelo Cerávolo Verreschi, 13 anos, aluno da 7.ª série do Colégio São Marcos, já tem os dois cursos necessários para iniciar a operação de um micro: o Basic I e o II. Apesar de não conhecer, ainda, com profundidade a utilização completa do equipamento, passa todas as suas horas de folga das aulas na sala de computação montada no colégio. Lá, sob orientação de um profissional da área, Marcelo coloca em prática os jogos que programa para o vídeo com o auxílio de gráficos. Ele acredita que o computador será a linguagem do futuro e prepara-se para isso. Não concorda, porém, com os videogames, que ao seu ver são "aparelhos limitados". Como ele, uma grande parcela da garotada mergulha nisso com paixão.

Há pouco mais de três anos, após regressar de uma viagem aos Estados Unidos, Nelson Fonseca Marques, filho de Nelson Marques, proprietário da Livroeton, trouxe na bagagem um videocassete. Na época, o aparelho era praticamente desconhecido no Brasil e, logo, foi colocado de lado. Hoje, após a entrada do videocassete no mercado nacional, o equipamento faz parte do conglomerado da informática, junto com o videogame e o microcomputador.

**MOEADAS NOS BOLSOS** – Aos 18 anos de idade, Nelson atua como diretor da Livroeton, a principal loja de vídeo da cidade. Lá, os videogames são os recordistas de vendagem, atingindo, em certos dias, conforme a promoção, a 40 unidades, que hoje custa em torno de Cr\$ 400 mil. O principal cliente não poderia deixar de ser a criança que, segundo Nelson,



Marcelo: o futuro está no micro



Marques: 40 videogames por dia

## Ídolos e sonhos

**E**m longas e divertidas conversas, ATO ouviu mais de uma dezena de crianças na cidade, na faixa etária de nove e onze anos de idade. Nestas entrevistas, elas puderam falar sobre vários assuntos, desde as suas preferências por brincadeiras na escola ou em casa, até suas convicções partidárias, escolhendo entre os candidatos indiretos à presidência da República. O ex-governador mineiro, Tancredo Neves, do PMDB, leva uma pequena vantagem e é apontado por algumas crianças como "o homem que vai ajudar no progresso do país". Já o deputado Paulo Maluf, candidato pelo PDS, recebe críticas ferrenhas, principalmente das meninas, que não titubeiam em classificá-lo como "antipático e ladrão". No mesmo barco das figuras idesejáveis, navegam o presidente João Figueiredo e o ministro do Planejamento, Delfin Neto.

Como prova da força que a televisão e os meios de comunicação em geral exercem

sobre as crianças, o ídolo eleito por elas continua sendo o cantor-compositor-dançarino norte-americano Michael Jackson, vindo, logo em seguida, o grupo portorriquenho Menudo. A garotada também vibra com a turma do Balão Mágico e demonstra uma ternura muito grande pelo personagem Cascatinha interpretado por Castrinho. Dos cantores brasileiros, os grupos novos, como Blitz e Magazine ganham a simpatia dos garotos que, lentamente, estão trocando a Coca-Cola — um dos marcos da juventude há pelo menos três décadas —, pelo brasileiro guaraná. Acompanhe agora, alguns dos principais trechos das entrevistas:

"Mogi é uma cidade que faz muito frio, tem pouco movimento e poucos lugares para a gente ir. Eu gosto de ir ao teatro, no cinema e no Clube de Campo para nadar. Quando estou em casa, gosto de jogar video-game". **Magda Duarte Henriques**, 9 anos, 4.ª série, Colégio São Marcos.

"Eu sei jogar basquete, vôlei e handebol. Jogo também futebol! de salão na escola.

Gosto muito das praças de Mogi, porque tem bastante espaço para a gente andar de bicicleta, mas eu não ando na rua não." **Vinicius Arouche de Toledo**, 10 anos, 4.ª série, Colégio São Marcos.

"Deus é um homem muito bom, faz muita coisa boa na vida das pessoas. E nós precisamos dele porque existe muita guerra, violência, tudo isso que a gente vê de mal acontecendo no mundo inteiro." **Hellen Christine Alvim Soares Maia**, 10 anos, 4.ª série, NEC.

No Dia da Criança eu quero ganhar um Pegasus e uma bicicleta Caloi Cross... video-game eu já tenho lá em casa, prefiro os jogos de combate. Eu queria ser um piloto de guerra." **Giuliano Rubens Pieri**, 10 anos, 4.ª série, NEC.

"Eu estou lendo o Meu Pé de Laranja Lima, do José de Mauro de Vasconcelos, que morreu faz pouco tempo... vi na televisão. Também gosto de Monteiro Lobato e da turma do Sítio do Pica-pau Amarelo." **Dayane de Oliveira Sousa**, 9 anos, 3.ª série, escola Camilo Faustino de Mello.

escolhe o modelo a ser adquirido. Para os pais o negócio é ótimo: significa que os filhos permanecerão mais tempo em casa. Paralelamente ao comércio dos videogames, a Livroton montou uma locadora de cartuchos. "É muito comum", conta Nelson, "aparecer aqui um garoto cheio de moedas nos bolsos para alugar um jogo lançado recentemente no mercado". Já o videocassete é mais procurado por adultos e o microcomputador (o mais comum, o TK 85, é vendido a Cr\$ 460 mil) começa a ser descoberto pela criança.

No mesmo ramo dos brinquedos, está de

volta a mania dos autoramas, mas com uma pequena diferença. Na década de 60, quando era uma verdadeira epidemia, as fiéis miniaturas se limitavam às quatro paredes da sala. Agora, existem as imensas pistas, construídas para exigir o máximo dos carrinhos. Deixou de ser um mero divertimento para se transformar num complexo de técnica e tática. Mogi já possui duas empresas que exploram a locação de circuitos: a Di Pacelli, no centro da cidade, com uma pista de 56 metros, e a inaugurada recentemente pela Hobby Center, com um moderno circuito de oito pistas e extensão total de 60

metros.

Para Antonio Loducca, proprietário da Hobby, que também comercializa miniaturas de trens, aeromodelismo e automodelismo, a criança encara hoje o autorama de maneira diferente. "Elas criam soluções para demonstrar toda a habilidade que possuem e o domínio sobre as máquinas, e só podem fazer isso numa pista profissional, diante de vários concorrentes." Admirador dos trens elétricos desde a infância, o comerciante explica que a prática do esporte, para as crianças, está aliada ao fator natureza. "Na Europa, os trens fazem parte da paisagem. A adaptação foi perfeita no Brasil. Uma maquete bem montada requer o equilíbrio entre o trem e tudo aquilo que rodeia as linhas férreas. É onde entra a criatividade e o bom senso das crianças", detalha Loducca.

Saindo das miniaturas, semelhante processo de identificação com a natureza pode ser encontrado numa outra mania infantil: as bicicletas cross. Habilidade e destreza também são ingredientes básicos neste esporte. As pistas acidentadas são encaradas como desafio pelos meninos que, mais uma vez, são atingidos pelas engrenagens promocionais. Eles sonham com as acrobacias anunciadas pela televisão.

Contudo, as características naturais da criança jamais serão alteradas. As meninas continuam brincando com bonecas e o garotos ainda gostam do futebol de rua. "Apesar de tudo", explica a psicóloga Denise Virgínia Grisaro Franco, do colégio São Marcos, "elas preservam a autoafirmação do sexo". Isto



Magda



Vinicius



Hellen



Giuliano



Dayane



Ricardo



Silmara



Sidney



Rita



Paulo



Ana Carolina

"Dos personagens do Walt Disney, eu conheço o Pato Donald, ele só faz trapalhada... O Cebolinha é aquele que fala tudo errado e faz muitos planos para derrotar a Mônica, só que nunca dá certo." **Ricardo Anderi de Mello**, 10 anos, 4.ª série, Colégio São Marcos.

"Eu assisto muitas novelas, comédias e filmes de suspense. Acho que os musicais deveriam ter legendas para a gente entender as letras das musicas, como os filmes que pas-

sam no cinema." **Silmara Grandbelli**, 11 anos, 4.ª série, Colégio São Marcos.

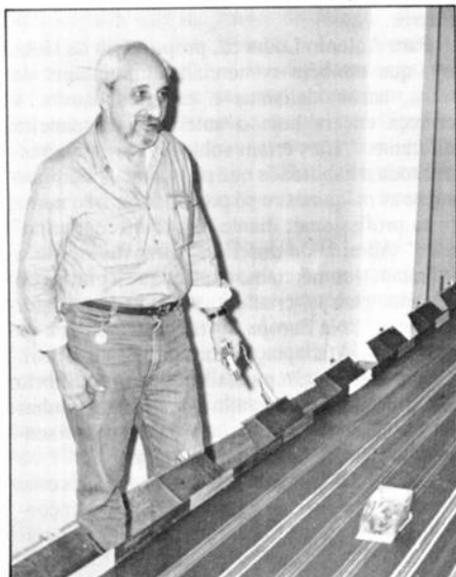
"O meu ídolo é o Michael Jackson, ele tem músicas legais. Eu gosto muito daquelas antigas, quando ele era pequeno e cantava no Jackson Five, com os seus irmãos. Agora ele canta sozinho e faz muito sucesso." **Sidney Lopes Wu**, 10 anos, 4.ª série, Colégio São Marcos.

"Eu quero ser química para misturar líquidos e descobrir coisas importantes. Mas eu

vou fazer um curso porque senão posso errar alguma mistura e explodir minha casa." **Rita de Cassia Marques de Almeida**, 11 anos, 4.ª série, Colégio São Marcos.

"Inflação é uma taxa que o povo paga e que está muito alta. A gasolina também está muito cara, não dá mais para ficar andando de carro por aí, o governo devia fazer alguma coisa." **Paulo Augusto Luz Ferreira Saba**, 10 anos, 4.ª série, NEC.

"Eleições diretas é quando o povo escolhe o presidente. O povo tem direito de votar, ele quer trabalhar mas não tem emprego, então, como é que faz?" **Ana Carolina Andrade de Almeida Paiva**, 10 anos, 4.ª série, NEC.



**Loducca: parte da paisagem**

significa que sentem a necessidade de provarem superioridade diante do sexo oposto e possuem comportamentos muito comuns para a idade. Para se ter uma idéia, a rivalidade homem-mulher pode ser percebida em qualquer brincadeira nos intervalos de aula. "Os meninos correm atrás das meninas e vice-versa. Difícilmente um dos lados convive com a derrota, mesmo numa inocente brincadeira de pega-pega", completa a psicóloga.

**TUDO PARA A MÃE** – Neste plano, para defender a sua feminilidade, as meninas da



**Na escola : preocupação com o futuro**

atualidade apreciam muito o *ballet*. Todas as academias da cidade possuem muitas alunas na faixa etária dos 10 aos 14 anos. Já o lado masculino, prefere a prática de lutas corporais, como o judô ou o caratê. As crianças evoluíram, sem dúvida, mas ainda mantêm tabus: quatro alunos entrevistados, todos com dez anos de idade, sabiam o que significava homossexualismo. No entanto, negaram-se a explicar em voz alta – é que havia adultos, e, principalmente, crianças do sexo oposto.

Se por um lado o mundo infantil pode ser pintado pelo avanço da tecnologia, pela evolução da consciência da criança que mergulha diariamente numa infinidade de informações, filtrando os elementos para seu próprio futuro, não se deve excluir a maior parcela da população, hoje tratada como o principal problema social do país – a criança carente, com destino incerto em meio a passos obscuros. Aquela que nasce na periferia dos grandes centros e cresce abandonada, sem recursos econômicos para



**Denise: rixas inocentes**

levar uma vida normal. Desde cedo, ela passa a representar um imenso potencial de trabalho, lutando por sua própria subsistência.

Os doze anos de Sérgio Pinheiro Lopes lhe ensinaram que o salário de Cr\$ 60 mil mensais, recebido da Legião Mirim de Mogi das Cruzes, pelo seu trabalho como empacotador no Sim Supermercados, deve ser dado, integralmente, à mãe para alimentação da família. Há três meses no serviço, Sérgio resiste, ao contrário da maioria das crianças de seu nível social, no ensino público e, sem medo de encarar uma atividade incompatível com a sua idade, sonha ser advogado. "para ganhar mais e ter uma vida melhor". Como Sérgio, outros 340 garotos com menos de 15 anos de idade recorreram a Legião Mirim e ao incansável trabalho do soldado Ildo Benedito dos Santos, coordenador – geral da entidade, para encontrarem emprego e, quem sabe, jamais figurar no perigoso mundo do crime.

**Dirceu Roque de Sousa**

## **Dr. Roberto Luiz Leal**

### **Urologia**

*Ex-médico residente do Departamento de Urologia do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo.*

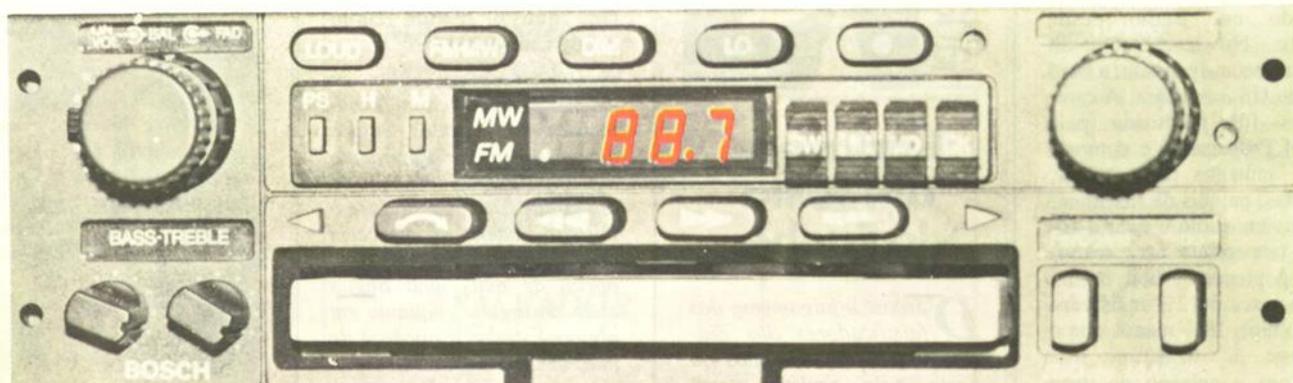
*Moléstias dos rins - bexiga próstata - Doenças venéreas*

*Consultório  
Rua Carmela Dutra, 241 Tel. 469-9262  
Estância - Mogi das Cruzes*



**Sérgio: trabalho muito pesado**

# NO AR





Ford-Turbo, para comemorar os 17 anos

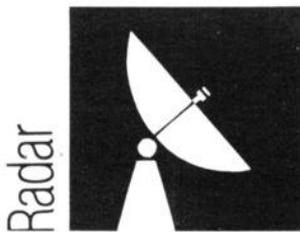


## Propaganda do Uno: 4 bilhões

A Fiat vai gastar, até o final do ano, Cr\$ 4 bilhões na campanha publicitária que está divulgando seu novo produto, o Uno, carro mundial que a empresa está construindo em Betim desde agosto. No lançamento do Escort, no ano passado, a Ford gastou US 3 milhões. A campanha foi produzida pela MPM Propaganda e compreende anúncios para jornais, revistas, painéis de rua, mensagens em rádio e quatro filmes comerciais para televisão. A preços de hoje o Uno custa cerca de 2% mais caro que o Gol, 10% menos que o Voyage.

♣ Com a criação de uma classe especial para a temporada de 1985, a Fórmula

Ford-Turbo, a empresa comemora 17 anos de existência dessa modalidade de competição, criada em 1967. A categoria especial vai utilizar chassi Reynard e os motores de dois litros turboalimentados que equipam os modelos Capri e Sierra, com comando de válvulas no cabeçote e potência de 150 HP. Os primeiros testes, coordenados pela Motorsport, serão realizados no circuito inglês de Brands Hatch.



## E aparece um sócio do Fueher

Durante o julgamento dos falsificadores dos diários de Hitler, publicados em parte pela revista alemã Stern, um conhecido sócio do Fueher, sem ter o que fazer,

resolveu ir assistir às sessões. Ele, Robert Schneller, de Stuttgart de bigodinho e cabelo cortado como o ex-líder nazista, sentou-se numa das primeiras filas do tribunal.

♣ A revista **Afinal**, nova publicação semanal de informação, cultura e entretenimento, que chegou às bancas no início de setembro, vem com um propósito diferente: "Não queremos atingir um público cada vez mais reduzido com assuntos cada vez mais especializados. Neste momento, quando o leitor tende a escolher entre um número de títulos cada vez menor, pela necessidade de racionalizar seu consumo de informação, queremos ser uma opção mais ampla", dizem seus diretores. Os donos da revista são da agência de propaganda Siboney, formada por um grupo de cubanos que abandonou Havana após a queda de Fulgêncio Baptista e a ascensão de Fidel Castro.

♣ Muito a contragosto, o conde Gustav von Westarp terá de continuar a usar seu título nobiliárquico do qual pretendeu se desfazer na Justiça. Ao examinar o processo no qual ele pedia para ser não mais que um simples cidadão, o juiz da cidade de Gelsenkirchen, Alemanha Ocidental, decidiu que um direito hereditário não pode ser abolido por simples ato de vontade, ainda que justificado. A razão do conde para não querer mais o título é simples: ele é um pobre operário de uma mina de carvão em Oberhausen e é alvo constante de brincadeiras de seus companheiros, que o tratam como conde Carvoeiro.

♣ Uma pesquisa sobre os exames para carteiras de motoristas nos Estados Unidos demonstra que brevemente aquele país será uma nação de políglotas. Dos 50 Estados e o Distrito Federal 40 oferecem aos candidatos a exame uma opção de mais uma língua além do inglês, enquanto em alguns Estados a opção é de mais de uma língua. Michigan permite que o candidato faça seu exame em 16 línguas e o Distrito Federal em 11 idiomas.

O espanhol é o segundo idioma mais procurado pelos candidatos e essa opção é oferecida por 38 Estados. Nove Estados já traduziram os exames para 13 idiomas, incluindo o árabe, o laociano e o persa. Alguns já traduziram para línguas mais exóticas, como o tagalog (falado nas Filipinas), o khymer (falado no Camboja) e até o dari, o idioma do Afeganistão.

♣ - O dólar vai mudar. Foi o que admitiu o Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Donald Regan, adiantando que as alterações têm o objetivo de dificultar a falsificação e acrescentando que elas ainda demorarão, pois não se chegou a nenhuma conclusão sobre o que se deve ser modificado.

♣ O carnaval de 85 promete muita polêmica e novidades. A Mangueira vai mudar e vem de rosa salpicada de branco, mais clara e luxuosa. O enredo, "Abram alas que eu quero passar", é uma homenagem a Chiquinha Gonzaga e também um recado às outras grandes escolas que se acostumaram com o tradicionalismo da Mangueira e seus desfiles convencionais. Chiquinha Gonzaga, considerada a Leila Diniz do Segundo Reinado, foi a autora do primeiro samba enredo da história, "Ó abre alas", que fez para o cordão Rosa de Ouro. Em 85 serão comemorados então dois cinquentenários: o da morte de Chiquinha e o da criação das escolas de samba.



Schneller, na 1.ª fila



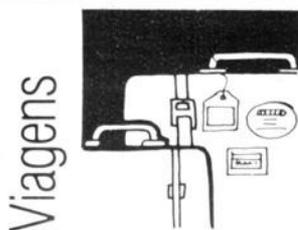
Palco

## Na Globo, filmes nacionais

A compra, pela Rede Globo de Televisão, de um lote de 10 dos mais importantes filmes brasileiros abre um espaço novo para o cinema na televisão, e inicia um relacionamento que há muito vinha sendo tentado entre os dois veículos. Os filmes, que começaram a ser exibidos em setembro, incluem "Memórias do Cárcere", de Nelson Pereira dos Santos, atualmente em cartaz nos cinemas e que vai ser apresentado em cinco capítulos no segundo semestre do ano que vem como parte dos eventos comemorativos dos 25 anos da emissora.

O pacote de filmes é o seguinte: "Dona Flor e seus dois Maridos", "Bye Bye Brasil", "Inocência", "Menino do Rio", "Lição de amor", "Xica da Silva", "Chuvvas de verão", "Toda nudez será castigada", "O casal", e "Tenda dos milagres". Com essa transação abre-se na televisão perspectivas em nível de co-produção, como acontece nos Estados Unidos e Europa, onde a televisão co-produz filmes para cinema depois ela que apresenta.

A compra de filmes brasileiros para ser exibidos na televisão só é novidade aqui, pois a TV alemã, nos últimos cinco anos, já comprou mais de 60 filmes brasileiros, numa média de 12 por ano. Mais: os filmes "Macunaíma", de Joaquim Pedro de Andrade, e "Tenda dos milagres", de Nelson Pereira dos Santos, acabam de ser vendidos para uma cadeia de TV australiana.



Viagens

## Os novos preços das passagens

Os últimos aumentos elevaram bastante o preço das tarifas aéreas. Agora nos vôos interestaduais, a passagem mais barata é a da Ponte Aérea Rio-São Paulo, que custa,

ida-e-volta, Cr\$ 174.600,00, enquanto a tarifa mais cara é a São Paulo-Manaus, pelo litoral, valendo Cr\$ 1.795.438,00. Em relação à Ponte Aérea Rio-São Paulo, há uma novidade: das 7 horas do sábado até o meio-dia do domingo, as tarifas têm um desconto de 50%, forma encontrada pelo Departamento de Aeronáutica Civil para fazer frente ao grande número de assentos vazios nesse período. Essa alteração é um bom atrativo, mas peca pelo horário de domingo, pois vale somente até às 12 horas.

Veja, no quadro abaixo, os preços de São Paulo para as demais capitais do Brasil.

CIDADE	PREÇO
ARACAJÚ	715.272
BELÉM	957.936
BELO HORIZONTE	241.188
BRASÍLIA	368.789
CAMPO GRANDE	381.115
CUIABÁ	582.277
CURITIBA	174.960
FLORIANÓPOLIS	265.908
FORTALEZA	969.475
FOZ DO IGUAÇU	353.013
GOIÂNIA	350.882
JOÃO PESSOA	894.577
MACEIÓ	793.332
MANAUS (INTERIOR)	1.112.001
MANAUS (INT./LIT.)	1.453.720
MANAUS (LITORAL)	1.795.438
NATAL	925.955
PORTO ALEGRE	251.885
RECIFE	852.667
RIO DE JANEIRO (PTE)	174.600
SALVADOR	615.770
SÃO LUÍS	956.448
TERESINA	844.338
VITÓRIA	341.058



Empresas

## Cotas para exportar sutiãs

Aviso da Cacex: há cotas não preenchidas nas exportações para os Estados Unidos de quatro tipos de produtos de algodão: sutiãs, luvas, meias e lenços. E, importante, segundo o alerta, é o fato de que os exportadores devem preencher logo essas cotas sob o risco de perderem parte delas no próximo ano para concorrentes como Formosa ou Coréia do Sul.

◆ Em 1983, a Companhia Paulista de Força e Luz obteve lucro de Cr\$ 300 milhões com a venda de sucata, esperando, até dezembro, isto é, ao fim de 84, faturar o dobro disso. O material vendido vem de linhas, redes e outras instalações da CPFL, uma das três empresas paulistas do sistema de energia.

◆ As linhas Círculo, da Indústria de Linhas Leopoldo Schmalz S/A, acabam de lançar em Olinda, no Hotel Quatro Rodas, sua coleção de fios para a temporada Primavera-Verão 84/85.

◆ A Divisão de Caminhões da Volkswagen do Brasil entregou à Superintendência de Tratamento e Disposição Final de Esgotos da Sabesp (Saneamento Básico do Estado de São Paulo), o primeiro caminhão movido a gás metano (biogás) do País. O veículo foi totalmente desenvolvido pela Volkswagen e possui, além de facilidade para utilização de outros gases, a condição extra de reconversão simples para combustível líquido, no caso o álcool.



O cooper em grupo: fórmula para uma vida saudável \*

Com a certeza de ter encontrado a fórmula ideal para uma vida saudável, longe das doenças e o mais distante possível da senilidade, um grupo de 15 pessoas – com mais de 50 anos, em média – composto por empresários, aposentados e profissionais liberais da cidade, dedica-se obstinadamente à prática do Cooper seguido de uma série de exercícios de condicionamento físico. Por volta das cinco horas da manhã em três dias da semana, eles se reúnem na pista de atletismo do Clube Náutico, onde correm de 6 a 15 quilômetros, dependendo da performance de cada esportista.

A frente da equipe, *Sebastião Cola*, industrial de 60 anos, coordena o tempo dos exercícios, feitos após a corrida durante 50 minutos. “De manhã é a melhor hora para esportes, pois há maior oxigenação e menos poluição no ar”, ensina Cola, que em 1975, depois de um *stress* e da recomendação médica, começou a exercitar-se com frequência. “Parei com o remédio que tomava para o coração, me sentindo melhor, inclusive, do problema de angina”, conta. Complementando os exercícios todo o grupo procura seguir uma dieta a base de alimentos leves e naturais.

A diversidade parece ser fundamental para os dedicados atletas que mudam o estilo dos exercícios conforme o dia da semana. Na terça, por

exemplo, a ginástica é feita com aparelhos e pesos, na quinta são praticados exercícios de flexibilidade e, finalmente, às sextas-feiras, o grupo segue o *circuit training*, um método onde se intercalam tipos diferentes de exercícios. Para o cirurgião *Nobolo Mori*, 60 anos, isso tudo não é difícil. “Quando criança jogava beisebol e já estudando de Medicina integrava a equipe de atletismo, nos 100 e 200 metros, da Universidade do Brasil, no Rio”, lembra o médico que é um assíduo frequentador do grupo.

Bem humorado, Nobolo espera obter bons resultados com essa dedicação. “Quero viver 120 anos e não gostaria de me tornar um defunto gordo”, comenta sorridente. Mais do que longa vida, o comerciante *Hiro Hanada*, 48 anos, aspira pelo menos viver com saúde o quanto puder. Optou pelos exercícios matinais na tentativa de sanar seu problema com o colesterol e a pressão alta. “Sinto-me bem mais disposto para trabalhar depois da ginástica”, alega o comerciante que há seis meses aderiu ao regime vegetariano, aconselhado por Nobolo Mori – que o segue há 20 anos.

O acompanhamento médico com exames periódicos é comum a todo o grupo. Júlio Simões, empresário de 56 anos, não possui maiores problemas com sua saúde, mas após um *chek-up* e o conselho médico resolveu cor-

rer para perder o excesso de peso. “Perdi 7 quilos começando a andar lentamente até conseguir correr 15 voltas na pista do clube”, conta ele. Trabalhando sentado 12 horas diárias, Simões acredita ser importante uma pausa para movimentar-se.

Esforçados, eles não são, porém, os únicos descobridores desta fórmula. Um outro grupo conhecido como “Caravana da Saudade” ou “A turma das Dez” também acredita na corrida como meio de preservar a saúde e a boa forma. Não é à toa que, semanalmente, correm em média 40 quilômetros partindo do Clube Náutico, onde se aquecem, em direção a César de Souza. Este percurso é coberto todos os domingos a partir das dez horas e nas tardes de terças e quintas-feiras.

Há pouco mais de um ano a Caravana está em atividade, liderada pelo ex-corredor *Walter Lázara*, 55 anos, que junto a seu grupo admite estar “correndo para viver um pouco mais” ou apenas “para manter a boa forma” como afirma o advogado *Abércio Freire Marmora*, 44 anos. Integram ainda a equipe, como recentes corredores, o professor *Horácio da Silveira* e o juiz *Diomar Ackel Filho*, 37 anos que, um pouco assustados com a disposição dos colegas, esforçam-se por acompanhá-los nas maratonas. Essa rotina também é cumprida pelo promotor *Raimundo José dos Santos*, 37 anos, o juiz *Ivan Garigio Sartori*, 29 e o contador *Jorge Barrak*, 41 anos.

Não é apenas à procura de saúde e vitalidade que correm os mogianos. A dedicação de Caravana da Saudade já lhe valeu doze medalhas ganhas nas provas do Circuito Noturno da Corpore, corridas por faixa etária realizadas no Ibirapuera. Walter Lázara e seus corredores esperam agora o apoio da Prefeitura para a promoção de competições semelhantes em Mogi das Cruzes.

\* (foto 1) Em pé: Joaquim Marinho Neto, Petre Ivanovici, Walter Lazara, Clodomiro Silva, Francisco José Krutzler, Tom Wald Correa, Abércio Freire Marmora, Nilton Vieira Matria, Raimundo José dos Santos, Geremias Barreto, Antonio Siqueira Nêo. Abaixados: Jorge Kalil Barrak, Diomar Ackel Filho, Silvio Ramos.

\*\* (foto 2) Em pé: Antonio Modesto da Cruz, Ang Kuk Tjai, Oey Ong Ing, Hyosuki Natanaka, Gilberto José Torelli, Bento Ferreira, Sebastião Colla. Abaixados: Hiro Hanada, Valter Rodrigues Andrade, José Tomasulo.



Caravana da Saudade: do Náutico a Cesar de Souza \*\*



Mori: viver 120 anos



**Bertaioli: primeiro livro**

Trazendo o romantismo da adolescência e a procura quase angustiante pela mulher idealizada em seus devaneios, **Marco Aurélio Bertaioli**, 16 anos, lançou seu primeiro livro de poemas, "Namoro de Corações", numa edição do autor. Trabalhando em processamento de dados, função distante dos sonhos vívidos nos versos, Marco Aurélio teve o apoio do tio, Carlos Barbieri, ao qual faz um agradecimento especial nas primeiras páginas do livro onde diz também que seu objetivo principal é poder mostrar "os sentimentos que guarda no coração".



**Oliveira: conquista inédita**

Quarenta gramas de vodka Borondin 45, 20 gramas de licor de maracujá, 20 gramas de Cream Coco, completando-se o copo alto com soda limonada e gelo. A decoração fica por conta de uma fatia de limão, uma cereja, uma estratégica folha de hortelã e dois canudos. É só provar. Com esta suposta simplicidade, o *barman* **José Ramos de Oliveira**, 33 anos, abocanhrou, pela segunda vez, o primeiro lugar no Campeonato Brasileiro de Coquetelaria, um certame que reúne os melhores profissionais do setor no Brasil e que, ao contrário do que muitos possam imaginar exige técnica apurada, anos de estudos e conhecimento em diversas áreas, de boas maneiras à Psicologia humana. Trabalhando há dois meses no Plaza Piano's Bar, o *long drink* de Ramos que venceu o concurso deste ano leva o nome da casa e transformou-se em orgulho para os proprietários Ruy Garcia e Silvio Lunardi – estes, o contrataram sem saber que o *barman* conquistou em 83 o 1.º lugar nas modalidades *short* e *long drink*, façanha inédita. Enquanto aguarda a partida para a Alemanha, no final de outubro, onde participará do Campeonato Mundial de Coquetelaria, e espera a viagem para o Hawaii, em 87, direito adquirido com o campeonato brasileiro deste ano, Ramos continua trabalhando todas as noites no Plaza Piano's Bar, onde seu *long drink* campeão faz muito sucesso, é claro.

ATO, OUTUBRO DE 84



**Aécio e Anésio com o garanhão Nedjed, um campeão**

**D**ecididos a diversificar seus negócios – voltados para o comércio de automóveis – os irmãos **Aécio** e **Anésio Urbano** adquiriram, em abril do ano passado, seu primeiro cavalo: o garanhão **Nedjed**, vencedor de duas provas nacionais de resistência que lhe valeram o título de campeão brasileiro nesta modalidade e a capa da revista **Hippus** no mês de setembro de 1980. Com Nedjed, Aécio e Anésio pretendem dotar o Haras Urbano – localizado na Vila da Lagoa Nova, a 15 quilômetros de Guararema – de cavalos árabes e anglo-árabes, próprios para a prática do hipismo e do pólo.

A intenção dos empresários é a venda de animais – potros e potranças – e a comercialização da cobertura dos garanhões junto a criadores interessados em ampliar seu plantel, explica

Aécio Urbano, 38 anos. "Optamos por mais este negócio por gostarmos de cavalos", afirma. "Nosso haras terá finalidade empresarial, mas também servirá para o lazer da família". Além do garanhão, o Haras Urbano abriga hoje, numa área de 33 alqueires, quatro puros-sangue, três éguas puro-sangue inglês, duas éguas para procriação, uma égua meio-sangue árabe e um potro cuidadosamente preparado para daqui a dois anos tomar o lugar de Nedjed, que há cerca de um mês chegava à propriedade dos irmãos Urbano vindo do Haras Serra Azul, em Campos do Jordão. Segundo Aécio, a substituição do cavalo procriador torna-se necessária após algum tempo, estabelecendo-se um ciclo constante, que evitará o desgaste do animal e o prejuízo da estirpe.



**Guga e Fabrizio, no circuito de Pacelli**

**C**om um circuito profissional de 56m, comportando oito carros e possuindo uma reta de 21m, inclinada, a única no país e que possibilita aos melhores motores a marca fantástica de 190 quilômetros horários, o circuito Di Pacelli de *Slot Car* ou o conhecido autorama, instalada num amplo espaço na galeria do Mogi Center, é a nova mania da cidade. A novidade surgiu depois que o administrador de empresas, **Eugenio Pacelli**, 27 anos, terminou sua faculdade e, com mais tempo, resolveu voltar a praticar suas habilidades no autorama, que ele define como um esporte e não um *hobby*. Entre os frequentadores assíduos estão o menino **Guga Costa**, 5 anos, e seu pai **Valdemar Costa Neto**, o **Boy**, ou o empresário

**Ernani José de Paula** e o estudante **Fabrizio Meloni Affonso**, 14 anos, que frequenta o Di Pacelli desde sua inauguração, há dois meses. Feito especialmente para o local onde está instalado, o circuito tem piso antiderrapante a base de epóxi, que não deixa os sofisticados carros, (podem custar de Cr\$ 30 a Cr\$ 700 mil) desgarrarem. Basicamente, o *Slot Car* possui 12 modalidades e o iniciante deve dar o primeiro passo com um carro "estrelinha", até que possa usar um micro motor, Camen, Trinit, Proslot ou Koffer. Trata-se de esporte caro, pois só de manutenção ele exige cerca de Cr\$ 100 mil por mês, além de grande dedicação – uma regulagem do motor pode levar de duas a três horas, período que os gastos sobem.



Piaf: um excelente trabalho de Bibi Ferreira

TEATRO

## Bibi-Piaf, perfeita

*De volta ao palco, Bibi Ferreira encena as várias facetas de Edith Piaf, o "rouxinol parisiense"*

Edith Piaf, o "rouxinol parisiense" que morreu há pouco mais de 20 anos, um desses anjos tortos que de quando e quando surgem para iluminar a pobre existência humana com seu brilho fosco, está evocada, através do corpo e da voz de Bibi Ferreira, no palco do Teatro Cultura Artística (rua Nestor Pestana, 196) em "Piaf", peça da inglesa Pam Gems, com direção de Flávio Rangel, que observou a originalidade do texto ao desvendar uma personalidade forte, para quem os sentimentos nobres ou vis faziam parte de uma mesma substância – não eram diferentes, antes, harmonizavam-se. Apesar de a história de Edith ter começado antes, da sarjeta à mendicância, do desamparo à prostituição, a peça se atém a três décadas de sua vida, de 1935, quando foi assassinado seu descobridor, Louis Leplée – ela foi presa como suspeita –, a 1963, quando a França ficou muda: o rouxinol voou para outras paisagens, definitivamente. Nesse período, ela amou ou deixou de amar com intensidade.

"Piaf" é a montagem que estreou no Teatro Ginástico, do Rio de Janeiro, no ano

passado, com os cenários de Gianni Ratto, os figurinos de Kalma Murтинho, a direção musical de Nelson Melim, em tradução de Millôr Fernandes; Iris Bruzzi, Lea Garcia e outros atores ao lado de Bibi Ferreira, a quem são dirigidos os aplausos ao fim de cada apresentação, pois ela é Edith Piaf. O diretor Flávio Rangel está acompanhando a turnê da peça pelo Brasil e não poupa elogios à atuação da atriz, na vida real tão próxima a seu modelo, feito de palco e esperança. "O trabalho de Bibi não permite meias palavras. É excepcional. Em cena se juntam dois talentos imensos, uma brasileira e uma francesa maravilhosa, a quem tive a oportunidade de ouvir cantar em São Paulo". Um musical, mas não um grande musical, no sentido de superprodução. Algo pequeno, com o toque do humano, canções que alinhavam os principais lances de uma vida de muitos amores e decepções, sempre cantando o outro lado da suntuosidade da noite, com os vagabundos que passeiam pelas ruas, as paixões que aparecem e acabam com a mesma rapidez, sobretudo a emoção.

A peça marca a volta de Bibi Ferreira como atriz – a diretora sempre está em cartaz – e lhe valeu mais honrarias numa carreira vitoriosa, os prêmios Mambembe e Molière de interpretação feminina. Em cena, ela chora e ri, pois Edith Piaf viveu entre os extremos. É Bibi quem afirma: "Estou feliz. Estou no palco. É outra vez Piaf que me contagia – Piaf trágica, perfeccionista, cruel, agressiva. Piaf piadista, palhaça, um tremendo senso de humor, moleca. Ela nos faz rir e sua gargalhada se espalha pela sua lembrança nesta peça."

Frederico Mengozzi

LIVROS

## Truman Capote (1925-1984)

Para o leitor brasileiro, como também para o leitor americano ou europeu, Truman Capote, morto inesperadamente em agosto último antes de completar 60 anos, quando ainda escrevia o romance *Answered Prayers* ("Preces Atendidas"), era muito mais um personagem do que um autor. E personalidade bastante extravagante não só pelo comportamento, mas também pelas opiniões sobre as personalidades que figuram nas manchetes do noticiário internacional. A vaidade já manifestada na infância, quando apareceu como menino-prodígio, foi estimulada na estréia literária, aos 23 anos, com o livro *Other Voices, Other Rooms* ("Outras Vozes, Outros Quartos"), acolhido com entusiasmo pela crítica e pelo público. Nele, Truman Capote conta sua própria história: a de um menino sulista, diferente dos demais, que deixa o lugar natal para conhecer o mundo e conhecer-se a si mesmo.

A glória literária só fez crescer a vaidade do escritor, que deu livre curso às excentricidades enquanto ia completando a obra literária, em que se evidenciavam algumas notas características que o distinguiam de seus companheiros de geração mais preocupados com a descrição do real. Há, sem dúvida alguma, um traço singular em suas narrativas, o qual talvez derive do clima que consegue criar, misturando realidade e fantasia. O cinema aproveitou alguns de seus livros: *Breakfast at Tiffany's* ("Bonequinha de Luxo"), que teve Audrey Hepburn no papel principal; *In Cold Blood* ("A Sangue Frio"), adaptado para a tela por Richard Brooks. Este último, que o próprio autor chamou de romance-reportagem, ou não-ficção, é o relato impressionante de um fato verdadeiro que sacudi a crônica policial norte-americana – o assassinio de uma família que vivia no campo, no Estado do Kansas, por dois ex-presidiários que foram julgados e executados. Para narrar o acontecido, Truman Capote fez pacientes pesquisas e entrevistou pessoalmente os criminosos. O resultado foi a criação de uma obra de grande valor literário, que é ao mesmo tempo uma grande reportagem.

Nilo Scalzo

DISCOS

## Rock feminino

*Sempre Livre abre a nova moda dos grupos musicais*

**D**epois que o rock brasileiro amadureceu, ganhou as rádios FM, as pistas das danceterias, o coração de outras pessoas, chegou a vez das mulheres invadirem o cenário do rock brasileiro. Em poucos meses apareceram pelo menos quatro grupos integrados totalmente por mulheres: Garotas do Centro, Kali, Cor de Rosa e Sempre Livre. E, nessa largada inicial, o Sempre Livre, seguramente, saiu na frente.

Está chegando às lojas de discos de todo o país, o primeiro LP de um grupo feminino: *Avião de Combate (CBS)*, do Sempre Livre. O álbum, muito bem produzido e muito bem cuidado graficamente, tem tudo para repetir a dose de sucesso que o Blitz conseguiu há dois anos. Sempre Livre tem novidade, uma boa dose de bom humor, além de um som gostoso e sem a menor sombra de dúvida, dançável.

Tem errinhos que geralmente todo primeiro LP tem. Um deles, para os mais puristas, pode ser a falta de um aprofundamento maior do estilo. Mas talvez esteja aí o segre-



Flavio Colker

### Sempre Livre: agradável e com bom estilo

do do Sempre Livre e de outros grupos que estão surgindo recentemente nesse emaranhado indefinido da MPB. A coisa mais comum hoje em dia é existir um disco que contenha rock, MPB, reggae, funk, punk, discoteque. Sempre Livre é mais ou menos por aí. Com uma vantagem: Lúcia, Marcia, Dulce, Lelete e Flávia, apesar de nenhuma delas ter ultrapassado os 30 anos, têm uma vivência constante com o som há vários anos. Isso está claramente visível no batido, no acorde de cada uma: seguro, maduro, que convence.

*Avião de Combate* é apenas um primeiro

passo para um grande salto do rock feminino brasileiro. Apenas duas músicas são assinadas por integrantes do grupo. Elas prometem para o segundo álbum mais composições suas e confessam que não estavam preparadas ainda para jogar no mercado um disco inteiramente composto pela banda. Meio inexplicavelmente a censura proibiu a execução nas rádios e TVs da faixa "Alta Tensão". A censura não deve ter gostado do trocadilho "ontem você me deixou na mão/ hoje estou com tensão. *Avião de Combate* é um disco que vale a pena. ●

Alberto Villas



## Você sabe o que há de comum entre estas duas portas?

Não, não é este texto. Muito menos a beleza, óbvia. Mas sim a qualidade, presença marcante da MAD MOGI. Portas, janelas, vitraux e portões nos mais variados estilos. E para cada estilo, a MAD MOGI oferece também ferragens, madeiras, dormentes, assoalhos, lenha para lareira, pranchas e esquadrias especiais sob medida, tudo em até 3 pagamentos sem acréscimo.

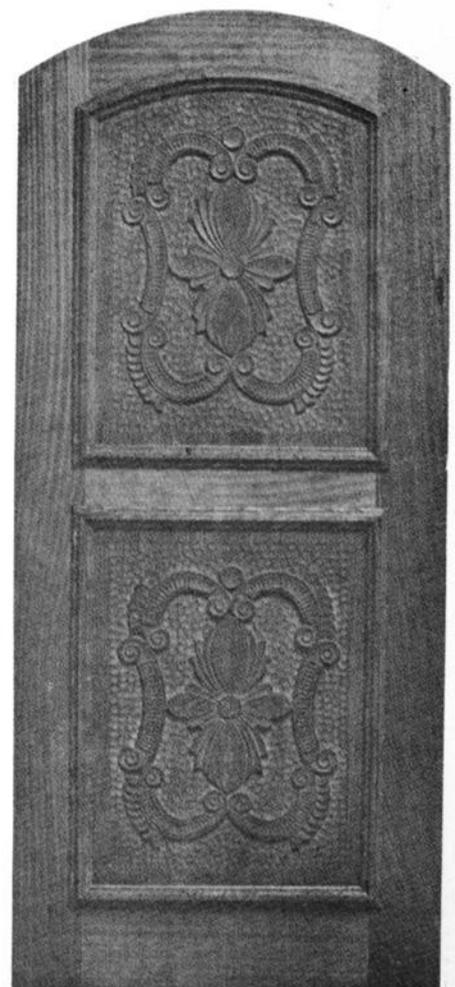
MARCENARIA PRÓPRIA

**MAD MOGI LTDA.**

R. Ipiranga, 1661 - Tel. 469-0316

Av. Fernando Costa, 699

Mogi das Cruzes - SP



# METROPOLITANA FM

STEREO



MOGI DAS CRUZES

**Nunca se falou com tantos,  
em tão pouco tempo.**



O novo trem será bem mais rápido

JAPÃO

## A terra da ficção

*Os japoneses estão progredindo rapidamente no campo da tecnologia e já pensam num novo e incrível trem bala*

O trem bala é um cartão postal japonês. Todo mundo já ouviu falar nele, e sabe que ele tem nariz de avião e parece voar pelos trilhos, a 210 quilômetros por hora. Isso é verdade. Mas o que pouca gente conhece é que já já o trem-bala vai ficar superado. O Japão está desenvolvendo um trem eletromagnético, que vai ser mostrado em março do ano que vem na Expô-85 de Tsukuba.

A tecnologia japonesa corre muito depressa e o que parecia apenas ficção mais cedo ou mais tarde acaba virando realidade. É o caso do trem eletromagnético. À primeira vista, ele parece um trem comum. Tem trilhos e vagões, como qualquer outro. A diferença está no sistema de propulsão.

Antes da partida, os trilhos recebem uma descarga elétrica e é este o segredo. Qualquer garoto de 5.ª série aprende que num ímã, por exemplo, as forças de cargas diferentes se atraem e as de carga igual se repelem. Pois os japoneses aplicaram esse mesmo princípio na prática. Com a descarga elétrica, os trilhos e os vagões funcionam como um eletroímã, mas os dois ficam com pólos de cargas iguais. Então, se repelem. Os vagões são "suspensos" a uma altura de 2 centímetros dos trilhos. A mesma descarga elétrica os coloca em movimento. E como não há atrito, porque estão "flutuando" no ar, a velocidade chega a 400 quilômetros por hora.

Parece loucura. Mas os japoneses garantem que funciona. Novidades como essa são vistas em toda parte, no Japão de hoje. É claro que nem tudo é grande ou espetacular como no caso do novo trem. Às vezes, o uso da tecnologia torna-se tão corriqueiro que as pessoas nem percebem. Observando-se as coisas com mais atenção é que se descobrem pequenas maravilhas da tecnologia e se tem uma idéia de como poderá ser a vida no futuro.

**FEIXE DE LUZ** – Aqui no Brasil também se usam, em alguns lugares, as células fotoelétricas.

Nos **shopping-centers** modernos, por exemplo, a pessoa chega perto da porta de entrada e ela se abre sozinha. No Japão, isso acontece a todo instante – nos hotéis, nos trens, lojas e nas fábricas.

Em muitas lojas, ao entrar, o cliente é recebido pelo *din-don* de uma campainha. É que, ao passar pela porta, ele interrompeu um feixe de luz, acionando o aviso para os vendedores.

Há aplicações mais úteis. Os japoneses estão colocando células fotoelétricas até no banheiro. É o caso dos lavatórios dos restaurantes novos. Para enxugar as mãos, basta aproximá-las do aparelho existente na parede e começa a sair ar quente. Sem contar que a descarga dos sanitários também pode funcionar com uma célula dessas.

Outra figura onipresente, embora nem sempre visível, é o computador. Quase tudo vai sendo automatizado. Antes da II Guerra Mundial, os prédios não podiam passar de 12 andares, por causa dos terremotos freqüentes. Agora, com as novas técnicas de construção, os edifícios alcançam 40 andares ou mais. E os

elevadores acompanham essas mudanças: não ficam subindo ou descendo todos ao mesmo tempo. Eles são programados e há sempre um disponível para atender às chamadas.

Os **chips** ficam cada vez menores e começam a entrar dentro de casa. Com um pequeno aparelho programável pode-se controlar grande número de operações domésticas. O equipamento regula a temperatura da água quente, acende luzes (ou apaga, quando desnecessárias), trava a porta da entrada (que só pode ser aberta com o cartão magnetizado e o código do proprietário da residência), dá o alarme para a polícia, se alguém força a janela pelo lado de fora e atende o telefone na ausência dos moradores.

Nas fábricas, evidentemente, não se vêem robôs andando pelos corredores e fazendo *bip-bip*. Mas o número de máquinas automatizadas por computação é crescente. Uma dessas situações, entre centenas existentes nas grandes indústrias, pode ser apreciada na fábrica de automóveis e motos da Honda, em Suzuka, cidade do sudeste japonês.

As peças metálicas, como laterais, chassi e teto, são estampadas automaticamente. A chapa de aço entra lisa numa grande máquina, é prensada na forma desejada, cai numa esteira, entra em outra máquina, é cortada, e assim por diante. Lá na frente, cada uma dessas peças diferentes é reunida por braços mecânicos: vão descendo pela ordem o chassi, assoalho, laterais, frente e, por último o teto, formando a estrutura básica do carro.

Então se aproximam duas "mãos" imensas, uma de cada lado, e quando se pensa que vão esmagar tudo, elas páram suavemente, escuta-se um "piiissss" e pronto. A estrutura do automóvel está montada: todas as peças foram soldadas ao mesmo tempo, em segundos. Nessa fábrica da Honda, a linha de produção despeja um carro a cada 22 segundos.

**ÚLTIMA NOVIDADE** – O Japão também é o país das miniaturas. Rádios, gravadores e calculadoras estão ficando cada vez menores. Agora, chegou a vez da televisão. Primeiro vieram as telas do tamanho de um cartão postal. Depois, elas foram reduzidas na largura e espessura, parecendo um **walkie-talkie** dotado de tela. Finalmente, a última novidade, que já começa a surgir nas lojas: uma micro-tevé montada em relógios de pulso. Por enquanto, elas são em preto e branco, mas logo logo...

**José Maria Santana**

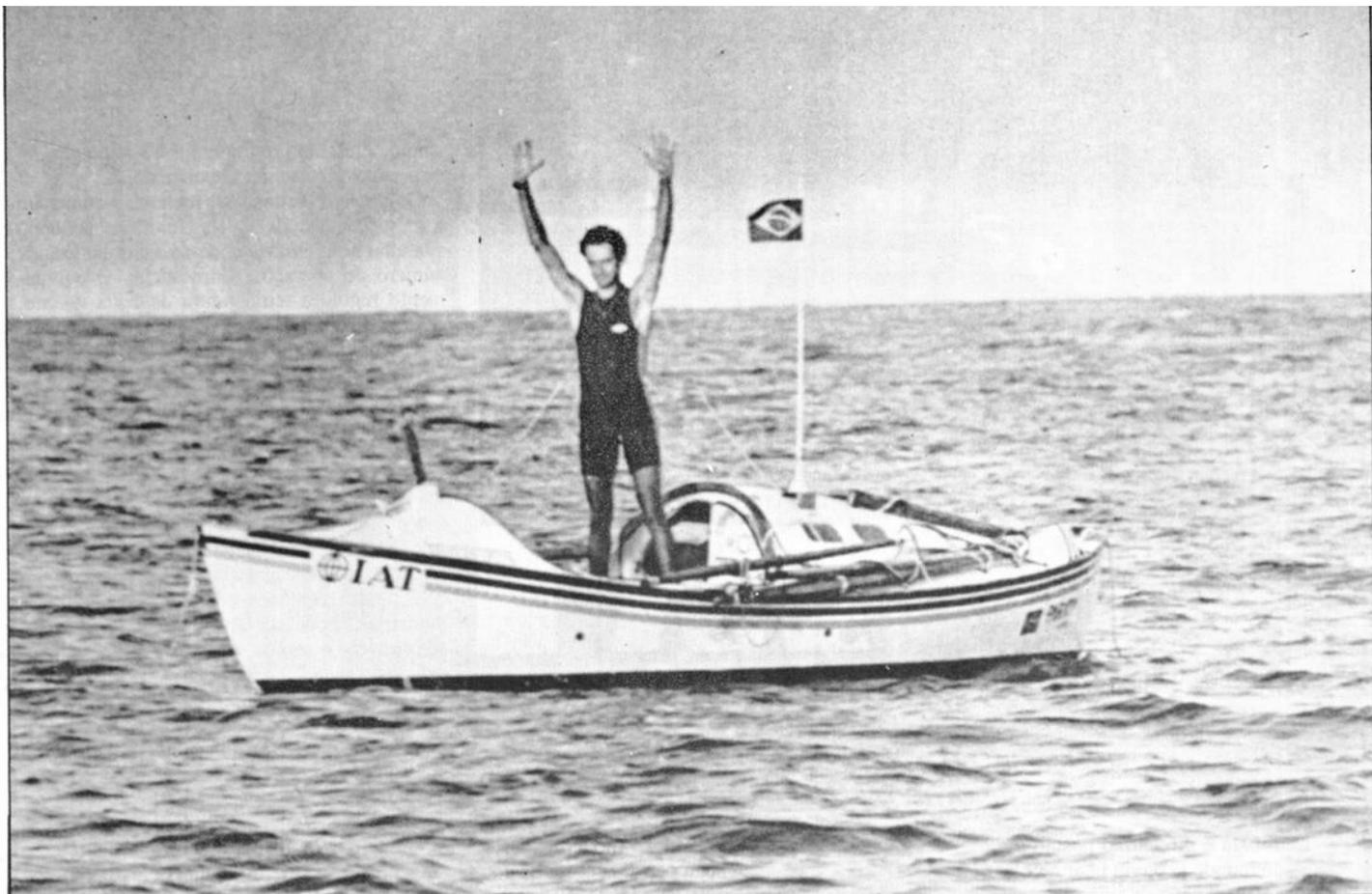
**Dr. Francisco Averaldo Neto**

Médico - CRM 23.319

Clínica Médica e Pediatria

Consultório Rua Tenente Manoel Alves, 358. Tel. 469-4324  
Praça das Bandeiras - Mogi das Cruzes

Residência  
Rua Poti, 53  
Tel. 469-1810



Amyr: o esperado gesto da vitória depois de enfrentar tubarões, baleias e ondas de 9 metros

AVENTURA

# O viking do Atlântico

*Amyr Klink constrói um barco, planeja sua viagem, lança-se ao mar e rema durante 101 dias. É o primeiro do mundo a cruzar o Atlântico Sul*

O famoso "Livro de Recordes", editado todos os anos em Londres pela Cervejaria Guinness, terá na edição de 1985 mais um brasileiro: Amyr Khan Klink, 29 anos, nome que passou a ser conhecido principalmente depois de 18 de setembro. Naquele dia, Amyr chegou com seu pequeno barco à praia da Espera, em Itacimirim, cerca de 80 quilômetros ao Norte de Salvador, encerrando a viagem de 101 dias e tornando-se a primeira pessoa a atravessar o Atlântico Sul em um barco a remo. No Atlântico Norte, são menores as distâncias que separam a América da Europa, em relação ao percurso escolhido por Amyr entre a África e o Brasil, que acabou sendo de quase 7.000 quilômetros. Assim, vários remadores já tinham feito a parte Norte do Atlântico, mas nenhum havia completado o desafio na região Sul até o paulista Amyr pisar na areia da praia da Espera. Jornais, revistas, emissoras de rádio e TV mostraram ou descreveram a imagem do re-

gador solitário em todo o mundo. O fato foi destacado como um exemplo de coragem, disciplina, amor ao mar e solidariedade, algo tão raro neste fim do século XX, de tantas notícias sobre máquinas, guerras, crises, medo, tóxico, mortes. ATO decidiu apresentar nesta edição uma entrevista com Amyr e deu a incumbência ao jornalista Luis Carlos Ramos, editor da seção Geral de **O Estado de S. Paulo**, e primeiro jornalista a noticiar – já em outubro do ano passado – o plano de Amyr Khan Klink de atravessar o Atlântico Sul. Ramos, 20 anos de jornalismo em coberturas importantes como as de três Copas do Mundo (1974, 1978 e 1982) e uma Olimpíada (1980), acompanhou com a ajuda de radioamadores a epopéia de Amyr e emocionou-se ao ver a sua festa de chegada a Salvador, na tarde do dia 19 de setembro. O remador ainda descansou alguns dias na Bahia, mostrou-se surpreendido com a grande repercussão de sua façanha e disse não merecer "tantos

elogios e homenagens". Palavras perfeitamente lógicas: afinal, além de corajoso e disciplinado, Amyr permanece humilde, do jeito que saiu do Brasil, com seu barco acondicionado no porão de um navio argentino, dia 5 de maio, para ir até a África. Aqui, ele explica a longa viagem de volta da Namíbia ao Brasil.

---

## ***O início, difícil e com ondas de 9 metros***

---

**ATO** – Deu tudo certo. Mas houve momento em que você chegou a temer pelo pior, diante de tantos perigos?

**AMYR** – Sim, confesso que sim. O projeto foi bem preparado e contei com a ajuda de muita gente. Mas tive alguns momentos de medo e incerteza. O primeiro ocorreu logo no dia da minha partida, 10 de junho, em Lu-

deritz, uma cidade de uns 1.100 habitantes, no Sul da Namíbia. Naquele dia, havia uma espessa camada de neblina na baía de Luderitz, que os navegadores portugueses chamaram de Angra Pequena no fim do século XV. Ao meu lado, nos primeiros quilômetros, estava um barco local que serviria para me escotar até a saída da baía. Mas a neblina era tão forte que meu barco chocou-se com ele, cheguei a cair na água e minha antena de rádio foi em parte avariada. Fiquei atordoado, passei a remar em direção ao alto mar e não vi mais aquele barco da Namíbia. A neblina foi-se dissipando, surgiu o sol e fiquei sozinho diante do mar. Como companhia, havia apenas os lindos pássaros do Sul da África e uma grande variedade de peixes. E fui remando...

**ATO** – Seu barco foi especialmente fabricado para você, obedecendo a um projeto para suportar a travessia. Neste caso, como você começou a testar a resistência do barco?

**AMYR** – Logo nos primeiros dias. No Sul da África, o mau tempo é quase constante e eu não queria esperar para iniciar a travessia. Isso fez com que eu encontrasse fortes tempestades, com ondas de até 9 metros. Tive mesmo medo, pois meu barco era jogado para tudo quando era lado, não deu para remar por um bom tempo nem para entrar em contato com os radioamadores do Brasil. Fiquei pensando, então, no erro de ter feito a travessia em pleno inverno, por causa do atraso de várias coisas, entre as quais a liberação de papéis no Brasil e na Namíbia. No verão, tudo fica bem mais fácil, principalmente naquela região perto da África. Mas o barco resistiu bem. Chegou a virar várias vezes e foi aí que senti que funcionava bem o sistema de lastro – tipo “joão-bobo”, em que o peso do equipamento fica abaixo do nível da água do mar –, com a embarcação voltando automaticamente à posição normal.

**ATO** – E você não ficou machucado?

**AMYR** – Fiquei. Recebi fortes pancadas nos braços e nas pernas, além de ferimentos nas nádegas. Então, conquisei os primeiros contatos com radioamadores de São Paulo, onde meu médico, Edson Barbosa, transmitia as instruções para apenas usar merthiolate nos ferimentos. O esquema da alimentação também estava funcionando bem e não fiquei fraco.

**ATO** – Como é esse sistema de alimentação que você usou durante 101 dias no mar e que vem provocando o interesse de cientistas especializados na sobrevivência de náuticos?

**AMYR** – É uma alimentação desidratada, porém gostosa e nutritiva, preparada pela empresa Nutritional, sob a orientação de Flora Lys Spolidoro. Havia um saquinho de plástico para cada dia. Eu preparava as refeições e voltava a remar. Havia alimentação de sobra, pois meu plano inicial era de fazer a travessia em 109 dias e eu levava alguns saquinhos a mais, para qualquer eventualidade. Cheguei a jogar alguns saquinhos no mar para aliviar o peso do barco, mas, quando cheguei à Bahia, ainda restava muita alimentação. No meio do Atlântico, encontrei no meio dos saquinhos algumas revistas com mulheres nuas e um recado: “Para a sua solidão”. Era a brincadeira de meus amigos.



A travessia, saindo da Namíbia e chegando à Bahia

## Na bagagem, o livro “Cem Anos de Solidão”

**ATO** – Você falou em solidão. Como foi ela, nos 101 dias?

**AMYR** – Não foi grande. Estive num ambiente que adoro – o mar. Também confiei em Deus, tive a ajuda de muita gente à distância e não me senti muito só. O pior é a solidão das pessoas na multidão, nas grandes cidades.

**ATO** – Deu para ler alguma coisa, fotografar, escrever?

**AMYR** – Eu cuidava muito dos aspectos técnicos, com os mapas, a bússola, o rádio. Escrevi um diário com observações técnicas e curiosidades que pretendo publicar. Fiz centenas de fotos coloridas e em branco e preto. Levei livros, um amigo entregou-me “Cem Anos de Solidão”, de Gabriel Garcia Marquez, em inglês. Mas só folheei, ficava ansioso em remar, planejar. Em alguns momentos, eu falava sozinho e dava risadas. Ensaiei até discursos para os políticos brasileiros. Sou

informe publicitário

## Uma “surf shop” em Mogi

A juventude mogiana já tem um endereço especial para as suas compras do próximo e colorido verão. Na rua **Carmela Dutra, 29**, próximo ao campus da Universidade de Mogi das Cruzes, está instalada a **CLÁ 29**. Uma camiseteria que vem trazendo para a cidade as mais incrementadas camisetas, calções, calças, camisas e acessórios da temporada, diretamente do litoral, principalmente Guarujá e Santos.

Trabalhando exclusivamente com a etiqueta **O’Neill**, a **CLÁ 29** já mostra em suas vitrines as peças que vão desfilarem nos pontos mais “agitados” da cidade e nas praias e danceterias do país. Seus proprietários, **Carlos e Lúcia Marques** têm experiência no setor e montaram uma estrutura perfeita para atender os mogianos dentro de um ótimo padrão de qualidade.

Com a linha “surf shop”, na **CLÁ 29**, a sua

opção de compra pode ir desde os mais coloridos óculos até a sua parafina preferida, passando pelas calças quadriculadas, os calções em padrões de xadrez e as camisetas com estampas exclusivas, que são feitas sob encomenda. Para melhor atender os jovens mogianos, a **CLÁ 29** já está instalando sua filial, bem no centro da cidade, à rua **Presidente Rodrigues Alves, 363**, onde serão encontrados os mesmos produtos da matriz.



economista e estou preocupado com a situação do Brasil, mas acho que há saídas para essa crise. Temos de confiar e trabalhar. Sintetizando a **Rádio Globo** do Rio em ondas curtas, recebia as informações do que acontecia em meu país. Fiquei sabendo do aumento do preço da gasolina e até brinquei com um radioamador, dizendo que nos últimos dias eu não estava gastando nada de gasolina para atravessar o Atlântico.

**ATO** – No começo, sua velocidade era baixa e demorou bastante tempo para você sair de perto da costa da África. Depois é que o ritmo melhorou bastante. A que você atribuiu isso?

**AMYR** – O projeto esteve perfeito, com base nas correntes marítimas de superfície e nos ventos alísios que fazem com que um objeto deixado flutuando naquela região da África acabe aparecendo no Nordeste do Brasil depois de alguns meses. Assim, eu faria um trajeto em forma de parábola, saindo de Luderitz e remando até entrar na corrente fria de Benguela, que me empurraria na direção Nordeste, até eu encontrar a corrente Equatorial Sul, que me levaria rumo ao Brasil. Já perto da costa, a corrente Brasil me deixaria perto de Salvador. E seria necessário apenas remar mais algum tempo, então sem ajuda de correntes, para chegar à Bahia. Acontece que, no Sul da África, o tempo estava horrível. À medida em que eu avançava, porém, a situação ia melhorando, com um mar mais calmo, um clima bem mais quente.

**ATO** – Mas, com o tempo, também apareceram as baleias e os tubarões. Como você reagiu?

**AMYR** – Cheguei a ter medo, sim. Eram baleias enormes, os tubarões também. Sabe lá o que é ter a minha imagem refletida no olho de uma baleia que rondava o barco? Na verdade, meu barco tinha sido pintado no casco com tintas especiais para afugentar os cetáceos, mas acho que, quando eu jogava fora os meus restos de comida, os peixes eram atraídos e, com eles, os tubarões e baleias.

Meu banheiro era o próprio mar, ao qual se ligava por um tubo de plástico.

**ATO** – Você passou perto de duas pequenas ilhas do Atlântico – Santa Helena e Ascensão. Não pensou em parar por lá?

**AMYR** – Não. Se o fizesse, estaria quebrando o estilo do projeto, já que tinha intenção de atravessar o Atlântico sem interrupções. Passei a uns 20 quilômetros de Santa Helena, uma ilha muito bonita. E depois as coisas começaram a melhorar, minha velocidade aumentou, os problemas foram sendo superados. Já no caso de Ascensão, passei mais longe e não consegui ver a ilha. Meu objetivo era mesmo ver a costa da Bahia o quanto antes.

## No final, não pude me conter. E chorei

**ATO** – Como foi construído seu barco?

**AMYR** – É um projeto que obedeceu algumas sugestões do francês Gerard D'Aboville, que atravessou o Atlântico Norte em 1980 e com quem conversei em Paris, em 1982. Meu barco mede pouco menos de seis metros, é de madeira – mogno –, foi construído no Rio de Janeiro pela empresa Iates Alpha, tendo a orientação do engenheiro José Carlos Furia, de São Paulo. Há um assento móvel para o remador e outro fixo, espaço para os alimentos e equipamento. Na cabine,



### O choro e a emoção da chegada

enfaixada: Amyr é canhoto.

Alto, 29 anos de idade, Amyr Khan Klink é paulistano e divide seu tempo entre Paraty e São Paulo. Formado economista pela USP, está em razoável situação financeira, o que não o impediu de recorrer a patrocinadores para desenvolver o plano da travessia, contando principalmente com o empresário Jacques Eluf, da I.A.T. – Companhia de Comér-

eu conseguia dormir, preparando-me para o dia seguinte.

**ATO** – Nesses 101 dias, você emagreceu bastante. Sentiu-se fraco?

**AMYR** – Não, apenas perdi gorduras. Os músculos ficaram reforçados, a alimentação funcionou. Não faltou água potável. Sentia forças para remar até durante mais alguns dias, se fosse necessário, mas, nos últimos dias, estava ansioso para chegar.

**ATO** – E como você sentiu essa chegada?

**AMYR** – Foi muito emocionante, tanta gente. Mas o que mais me tocou foi a homenagem dos pescadores da Bahia, gente simples que nem sabia usar direito a máquina fotográfica e que se mostrava solidária... Também gostei de abraçar os parentes e amigos, associados do Espéria, tanta gente que foi me receber em Salvador. Fiquei contente com telegramas de gente importante, como o presidente João Figueiredo, e muitas homenagens. Só acho que houve um pouco de exagero, eu não mereço tanto. Gostei muito do modo com que a imprensa divulgou a travessia, sempre destacando o lado científico e de organização, sem que eu fosse apresentado como "um louco". E acho que não decepcionei os que confiaram em mim logo no começo.

**ATO** – E agora? Qual seu futuro, o futuro do seu barco?

**AMYR** – Tenho muita coisa para resolver em Paraty, onde moro. Vou publicar o meu diário, conversar com meus amigos. Já tenho saudade do mar, sim. Mas, para anunciar outro projeto desse tipo é cedo demais. O meu barco **IAT** está agora no Rio, para ser examinado pela firma que o fabricou. Não sei onde deverei deixá-lo depois. Há vários convites para colocá-lo em exposições. Minha idéia, que pode ser desenvolvida, é a criação de um museu náutico, em São Paulo ou Rio. Isso vai exigir dinheiro e trabalho de muita gente. Mas acho que, no Brasil, há outras pessoas que, como eu, gostam do mar.

**Luiz Carlos Ramos**

## Veja que façanha

Imagine a Rodovia dos Trabalhadores transformada em um canal navegável, entre o marco zero da praça da Sé, na Capital, e o centro de Mogi das Cruzes. E será possível calcular o que significa a travessia do Atlântico Sul pelo remador paulista Amyr Khan Klink: os 7.000 quilômetros daquele percurso correspondem a 130 vezes uma viagem entre São Paulo e Mogi pelo imaginário canal da Rodovia dos Trabalhadores. Dá para se ter uma noção do que Amyr fez, sozinho, mesmo levando-se em conta que, no oceano, houve a ajuda das correntes marítimas de superfície, de acordo com o plano elaborado pelo próprio remador. Esse plano foi preparado quando Amyr estava em convalescença de uma delicada operação para reimplantar a mão direita, quase perdida em um acidente com uma porta de vidro, em sua casa. A tarefa de elaborar o projeto não foi prejudicada pelo fato de a mão direita ter permanecido

cio Exterior. A empresa de publicidade Editevê encarregou-se de enviar a Londres os detalhes da travessia inédita do Atlântico Sul e, com isso, o nome de Amyr já aparecerá na edição de 1985 do Livro de Recordes da Guinness, ao lado de outros pioneiros do remo, como o britânico John Fairfax, que, em 1969, cruzou o Atlântico Norte em 180 dias. O livro da Guinness tem sido publicado em vários países e fornece várias curiosidades. Nele, é possível saber que o Maracanã é o maior estádio de futebol do mundo, mas não "o maior estádio do mundo", condição assegurada há muitos anos pelo Strahov, de Praga, na Checoslováquia – um estádio apenas para a prática de imensos grupos de ginastas e com capacidade para 240.000 pessoas nas arquibancadas. No livro, também são encontrados "o maior cachorro de todos os tempos" e outros dados. Entre as grandes façanhas, vai aparecer: "Primeira travessia solitária a remo do Atlântico Sul – Amyr Khan Klink (Brasil), entre Luderitz e Itacimirim, em 101 dias".



Faltam defensas, acostamentos mais seguros. Mas ela não cai

MOGI-BERTIOGA

## História é outra

*Falaram muito das condições da estrada e ATO foi até lá para ver. E não encontrou o caos pintado pela Prefeitura*

Com a conclusão dos serviços de reconstrução e repavimentação dos seis quilômetros finais da rodovia Mogi-Bertioga, já no distrito santista, os mogianos e toda a população da região podem utilizar tranquilamente a estrada sem que nenhum perigo mais grave os ameace. A rodovia possui logicamente alguns trechos mais perigosos, com estreitas pistas, antes de se atingir a parte da serra, e também algumas áreas onde os desmoronamentos são frequentes, porém, hoje, qualquer pessoa que queira passar o seu fim de semana nas praias de Bertioga poderá utilizar a estrada sem sustos, embora muito se tenha divulgado sobre o "precário estado de conservação" da mesma, argumento sempre levantado na batalha que a Prefeitura mogiana vem travando com o governo do Estado para que o DER assuma a conservação de toda a rodovia.

Mesmo que a estrada se apresente em bom estado e permita a sua utilização calmamente, o presidente da Codemo, Anselmo Bonini, assegura que a Prefeitura não tem condições de continuar com os trabalhos de conservação e que o local mais crítico está no quilômetro 91, no alto da Serra, onde as tubulações sob a pista foram

entupidas por pedras e barro levado pelas chuvas, forçando o escoamento das águas fora dos tubos, causando uma trinca de cerca de 80 metros no asfalto. Este trecho já foi recuperado no início de setembro mas no fim daquele mês voltava a se apresentar, mesmo que de forma quase imperceptível para os motoristas.

Além deste problema, a preocupação maior é com as encostas que descem e acabam entupindo as tubulações de drenagem das águas, podendo causar danos muito maiores em toda a estrada e que por isso mesmo exigem uma manutenção ininterrupta na rodovia, serviço que a Prefeitura nega ter verbas para realizar. Segundo Anselmo Bonini, atualmente seriam necessários mais de Cr\$ 170 milhões para se fazer os primeiros serviços e depois se manter uma equipe constante em todo o trecho para se evitar gastos maiores de uma só vez.

Mesmo assim, sem que se discuta a necessidade e a obrigação que o governo estadual tem em receber uma estrada intermunicipal, a Mogi-Bertioga apresenta uma situação muito longe daquela pintada nos últimos meses e sem qualquer motivo aparente que leve as autoridades locais a decidirem pela sua interdição.



A estrada: problema é manutenção



## NÃO PERCA TEMPO NEM A CABEÇA!

A Contamec está aí para contabilizar, cadastrar e emitir sua folha de pagamento e etiquetas para sua mala direta, além de prestar outros serviços. E tudo isso, com computadores de alta tecnologia.

**CONTAMEC**  
PROCESSAMENTO DE DADOS

R. Tte. Manoel Alves, 191  
Tels: 469-8500/8525  
Mogi das Cruzes - SP

# Sonho abandonado

*O artista plástico Aldemir Martins tinha um belo plano para a vida universitária local. Confira:*

**L**utar pela divulgação da arte, especialmente entre os estudantes, tem sido a batalha de vários artistas. Aldemir Martins, cearense, 61 anos, mais de 40 dedicado à arte, em 1946 trocou as praias ensolaradas de Fortaleza pela garoa de São Paulo. A mudança, aparentemente incompreensível, logo surtiu efeito. Premiado em várias bienais e salões nacionais, foi o primeiro brasileiro a vencer a Bienal de Veneza, na 28.ª edição. Sua arte, que integra vários museus importantes em todo o mundo, é tão inquietante quanto ele. Logo nos primeiros anos, libertou-se do papel e das telas e, sem preconceitos, perambulou por tecidos inventando estamparias inéditas, desenhou jóias, mudou a aparência dos pratos, xícaras, toalhas de rosto, camisetas e até ajudou a melhorar a imagem visual do Corinthians, seu "time-religião".

Ainda este ano, foi eleito presidente da jovem Associação Profissional dos Artistas Plásticos do Estado de São Paulo e membro da Comissão de Arte Moderna de São Paulo, o MAM. Há alguns anos, ele e seu amigo Marcelo Grassmann, considerado um dos mais importantes gravadores do País, sonharam com um projeto de arte para Mogi das Cruzes, que "infelizmente não aconteceu". Em São Paulo, em entrevista exclusiva para ATO, explica do que consistia o projeto, porque não vingou e qual seria a saída hoje para que os universitários tomassem um pouco mais de contato com a arte.

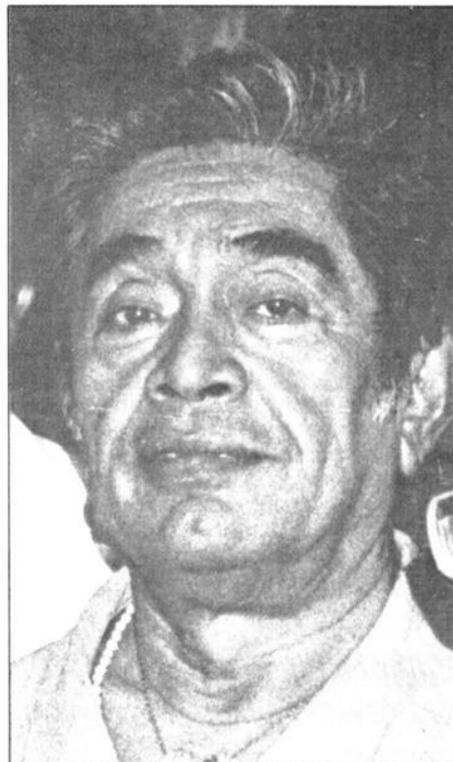
"Pretendíamos criar em Mogi uma espécie de centro irradiador de arte que teria sede dentro das próprias faculdades, sem a estrutura burocrática de uma escola. Seria um espaço aberto para todas as discussões plásticas, com ateliês de gravura, pintura, escultura, salas de vídeo, mantido pelos governos federal, estadual e municipal, além das facul-

dades. Mas a verba não saiu e nada pudemos fazer". Diante desse descaso do governo, Mogi deixou de ser uma das cidades privilegiadas do País, uma vez que contaria com dois dos mais respeitados artistas, de uma só vez, Aldemir Martins e Marcelo Grassmann.

Apesar do intenso trabalho que ambos têm nos ateliês, onde são procurados diariamente por *marchands*, galeristas e colecionadores de todo o País e do Exterior, estavam dispostos a dar algumas horas para levar adiante o projeto.

**PORTINARI, QUEM É?** – Mas até que ponto Aldemir deixaria seu movimentado ateliê no Sumaré, onde recebe até 30 pessoas por dia? "Posso me deslocar para onde for convidado, basta que o trabalho seja sério. Esta é a minha contribuição para diminuir a distância entre os jovens e a arte. Afinal eles serão não só os compradores de amanhã, mas os dirigentes da cultura deste País". E como o artista analisa o desinteresse do estudante brasileiro pela bienal de São Paulo, galerias e museus. "A comparação pode ser grosseira, mas galeria e bienal cheiram a hospital e a polícia. A bienal tem guardas, e as pessoas se sentem inibidas e não entram. E pensam que ao entrarem numa galeria têm obrigação de comprar. Existe um certo temor e isso só pode desaparecer no momento em que o público descobrir no artista uma pessoa simples e não um erudito". Aldemir acha lamentável tudo isso, "uma vez que as pessoas precisam mais de arte do que pensam", e como o Brasil não tem memória artística, nem museus trabalhando nesse sentido, é comum ouvir-se de um universitário: "Portinari? Não senhor, não joga no meu time". Ou mesmo: "Não é do meu tempo".

Uma das sugestões do pintor é que se reformule a cartilha escolar começando a educar o povo para a arte desde o curso primário.



**Aldemir: pensando nos alunos**

"Nos países socialistas e no Japão as crianças aprendem – já no pré-primário – algumas noções de arte. Ao invés de "O pintinho pia. Piu, Piu, Piu.", escrevem frase de conteúdo cultural: "Fulano de tal é o pintor mais respeitado do Japão". Aldemir, com humor, sugere uma frase para a cartilha brasileira. "O Saci roubou a tela de Aldemir". "A partir dessa frase o aluno tomaria conhecimento de quem é o pintor, o que é tela e chega, aos poucos, à história da arte brasileira, tão desconhecida dos estudantes.

**MASCULINO E FEMININO** – Mas, na opinião do artista, tudo isso seria muito difícil, porque o governo não ouve os artistas. "Os dirigentes têm medo da igualdade que damos a eles. O senhor ministro é igual a nós, mas não admite. Existe desprezo por parte do governo em relação aos artistas. Consideramos gatinha, minoria que não influencia coisa alguma".

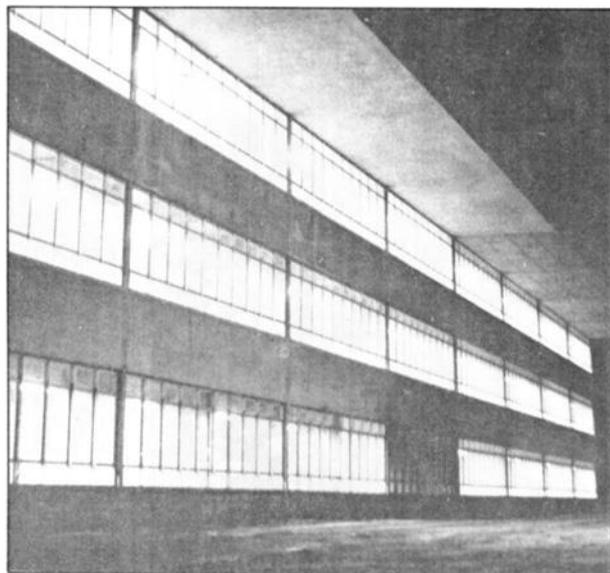
Apesar dessa barreira, ele acredita que o Brasil poderia repensar sua visão de arte e ocupar escolas em períodos ociosos, praças e qualquer lugar disponível nas faculdades, "com certeza os artistas participariam." Para aqueles que pretendem enveredar-se pelos caminhos mágicos e incertos da criação, o pintor dá um recado. "O artista, como figura humana, não é importante, mas sim seu trabalho. Para se dedicar ao exercício da arte é preciso pesquisar, ter um prazer enorme, porque a pintura é o lado masculino e feminino do artista. É com quem você luta e se abraça o dia inteiro. O artista dorme com pintura, acorda com pintura. Faça e refaça uma tela, mentalmente, antes de pegar no sono. Trabalho 12 horas por dia, sempre ligado na concepção".

Algumas pessoas se incomodam com o prestígio de Aldemir e falam em facilidades:



*Loja, oficina e pista de autorama. Ambiente agradável a todas as idades.*

**Shopping Center Mogi**  
fone 469 2106



O plano consistia em criar dentro das universidades (UMC e Braz Cubas) um centro irradiador de arte

“Tudo isso consegui com muita luta, feito pé de boi, na lama, na terra, raspando, correndo, andando, fazendo coisas que outros artistas teriam medo ou vergonha de fazer. O que vai ficar não é o Aldemir Martins homem, mas os desenhos da abertura da novela ‘Gabriela’, a abertura da ‘Terra do Sem fim’, os livros artesanais da coleção ‘Alumbramentos’, as revistas e os jornais que ilustro, as centenas de quadros. Por isso, minha receita para aqueles que pretendem ser artistas é trabalhar com

amor. Com amor que você dedicaria à namorada, à mãe. Um amor entre o libidinoso e o materno”.

Muitos artistas cearenses cobram de Aldemir o fato dele ter deixado o Ceará para tentar a vida artística em São Paulo. “Há 18 anos, quando fazia uma conferência em Fortaleza, pedi pelo amor de Deus aos artistas que não emigrassem. Disse que eles precisavam ficar. A cidade necessita deles mais do que imaginam. Afinal são a cultura da cidade. E eles

me contestaram, dizendo que eu falava assim só porque estava bem em São Paulo. E eu lhes respondi: Não estou bem em São Paulo, estaria melhor em Paris, Londres e Nova York, tive convites, mas fiquei. Aqui, meu trabalho é reconhecido por uma minoria. Eu gostaria de ser tratado no Brasil como fui no período em que morei na Itália, onde me chamavam de senhor professor. Aqui não. É comum ouvir: “O nego velho, vai pintar ou não?”

Leonor Amarante

informe publicitário

**CIDADE**  
IMOVEIS S/C LTDA.

**MEZANINO**  
IMÓVEIS

## Organização e dedicação aos clientes

**U**nir experiências, possibilitar melhores serviços a toda clientela e atuar nos mais diversos setores do ramo imobiliário. Foram estas as principais razões que levaram Michael Sabbag Jr. e Manfred Kleindienst (Curi), proprietários da Cidade Imóveis a se associarem a Gil Penna Carmello Jr., que comanda a Mezanino Imóveis.

A sociedade, formada em maio passado, ampliou a área de serviço dos três sócios sem que as duas firmas se fundissem: “Com esta decisão – contam eles – nós estamos trabalhando de uma forma extremamente organizada e racional, com frutos benéficos não só para nossa equipe mas especialmente para nossos clientes, que demonstram satisfação com os serviços prestados”.

Seguindo esta proposta, Michael e Manfred continuam com as duas firmas imobiliárias, sendo que a Cidade Imóveis, só cuida da administração e locação de imóveis, enquanto que Mezanino, dedica-se exclusivamente às vendas, loteamentos e incorporações. “Este foi o sistema que encontramos e

provamos ser o mais adequado de trabalhar com imóveis. Aproveitamos a ocasião, nosso amigo Gil estava sózinho em sua firma e interessado em associar-se com alguém para montar e concretizar a ideia. Deu certo e estamos satisfeitos. Conjugamos nossos esforços, tínhamos interesses em vendas e, unimos o útil ao agradável”.

Num momento em que as reclamações dos setor imobiliário crescem muito e que algumas imobiliárias até mesmo já fecham suas portas, os proprietários da Cidade e Mezanino Imóveis não têm problema com o mercado. “Acreditamos que o sucesso que estamos alcançando decorre exatamente desta nova forma de trabalho que implantamos na cidade e na região, já que temos atuado em outras cidades, especialmente no Guarujá”, explica Michael.

A fórmula não é secreta e os sócios dizem que a base é a organização e a dedicação exclusiva aos clientes e seus problemas. A Cidade e a Mezanino Imóveis além de terem orientação diária e ininterrupta de Michael, Curi e

Gil, têm neles os seus corretores e supervisores diretos. Temos uma equipe pequena de trabalho, contamos com a colaboração especial de José Carlos Coggiani Battani, gerente da Cidade Imóveis, dono de uma intensa experiência, essencial para todas as tarefas realizadas”.

Deste modo, quando um imóvel é entregue à responsabilidade da Cidade ou da Mezanino Imóveis, seu proprietário ou futuro comprador fica descansado. “Nós nos responsabilizamos por todos os detalhes, desde mostrar, por exemplo, uma casa a um cliente até a vistoria final, antes de entregarmos a mesma. Realizamos pessoalmente o trabalho que habitualmente é feito por um corretor e achamos que este é um dos nossos segredos em bem servir”, dizem.

A Cidade Imóveis está instalada à rua Tenente Manoel Alves, 612, com telefones 468-2593 e 469-2738 e a Mezanino Imóveis à rua Professor Flaviano de Mello 1289, com telefones 469-6746 e 469-2843.

# O comércio reage

*Depois de muita resistência, a Associação Comercial conseguiu fazer a Semana do Consumidor. E deu certo*



Contra a crise, a promoção

Mesmo antes de se concluir os balanços que indicariam os resultados da 1.ª Semana do Consumidor de Mogi das Cruzes, uma certeza existia entre os comerciantes e fregueses habituais: era a primeira vez que a Associação Comercial e Industrial do município realizava uma promoção de tamanha envergadura e tão bem divulgada, criando uma nova motivação no comércio e em seus clientes.

Mesmo aqueles comerciantes que não participaram – cerca de 130 estabelecimentos assinaram convênio com a Associação – não deixaram de elogiar a iniciativa, embora alguns duvidassem da eficiência de atrativos como os descontos de 20 ou 30 por cento, as ofertas mais comuns. Segundo eles, “o povo está tão pobre que nem mesmo estes descontos atrairam mais fregueses”. Estavam errados – numa época como a atual somente iniciativas do gênero con-

seguem atrair mais consumidores. Por outro lado, um fato foi observado pelos fregueses, desanimando muitos deles a qualquer tipo de compra. É que muitos comerciantes não se intimidaram em colocar em oferta apenas artigos de baixa categoria, numa atitude de desrespeito que não prejudicou a promoção mas que certamente deixou “marcadas” essas lojas. De toda forma, a participação dos palhaços, do trenzinho da alegria e a realização de diversos shows musicais e desfiles de moda na área central serviram para incentivar o movimento lojista e para mostrar aos comerciantes que seus negócios só podem ir para frente nesta época de crise econômica se todos se unirem – e, por meio de promoções especiais e séria propaganda atingir o consumidor que, com os bolsos vazios, não compra mais por impulso e escolhe objetivamente o que vai adquirir. ●

## informe publicitário

### Telefones para pronta entrega

Após completar um ano de experiência e depois de comercializar com muito sucesso mais de mil telefones em Mogi das Cruzes e toda região, a SIDFONE – compra e venda de telefones – já inaugurou uma filial em Suzano e está concluindo o seu novo plano de expansão, pronta para determinar o próximo município que receberá mais um de seus escritórios e a garantia de serviços honestos e completos.

É esta garantia que os clientes da SIDFONE possuem, que leva seus proprietários Sidney Antonio de Moraes e Márcio Alberto Palma Narvaes a concluir que “a responsabilidade e a seriedade são fundamentais em nossa firma e é a elas que devemos o nosso sucesso”.

Além de todos esses pontos, os clientes da SIDFONE contam com uma vantagem especial e de muita importância: a instalação imediata do telefone.

Com um sistema próprio de financiamento, possibilitando a compra de telefones em toda a região em até 12 meses, a SIDFONE atua sob a supervisão

direta de Sidney e Márcio, sem a intervenção de vendedores externos, apenas com o trabalho de um relações públicas. “Este trabalho, com nossa participação, é ainda mais garantido já que seguimos rigorosamente a proposta de dar todo conforto e tranquilidade aos clientes, independentemente se ele está comprando, vendendo ou locando seu aparelho”.

A idéia de se montar a SIDFONE surgiu há pouco mais de um ano, quando Sidney, então um estudante de Administração de Empresas e contato publicitário, viu, por acaso, um imóvel vago na cidade e resolveu centralizar os serviços de compra e venda que já realizava com telefones. “Eu conhecia

o ramo, a problemática do setor e a necessidade em oferecer segurança aos consumidores. Juntei tudo isso e, com o Márcio, que já atuava no comércio mogiano há anos, criamos a SIDFONE, voltada para dar toda a assistência necessária a quem nos procura”, conta Sidney.

Deste modo os clientes que procuram os serviços da SIDFONE não enfrentam preocupações tão normais nas negociações feitas particularmente em todo país. O cliente não assumirá qualquer tipo de conta anterior à compra, não correrá o risco de comprar um telefone penhorado ou mesmo de uma pessoa que não conhece e que, como tem acontecido, nem sabe que seu aparelho está sendo vendido.

Mantendo um estoque de aparelhos para pronta entrega em toda região, a SIDFONE, que trabalha com telefones residenciais e comerciais a preço altamente acessíveis, servindo tradicionalmente na cidade inúmeras indústrias, bancos e o comércio em geral, está instalada à rua Flavianno de Mello, 707, telefones: 469-6336 e 469-8055, em Mogi das Cruzes. Em Suzano, o endereço da SIDFONE é Praça dos Expedicionários, 27, telefones: 476-4244 e 476 4856



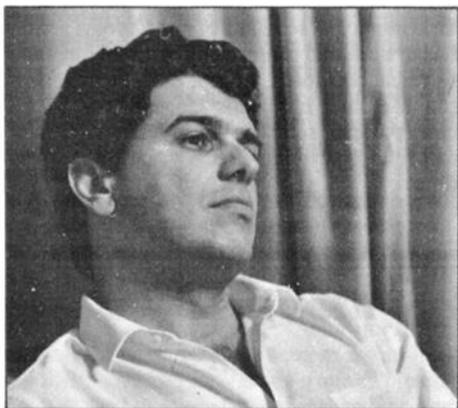
A matriz em Mogi e a filial em Suzano.

## PONTO DE ENCONTRO



**E**mpenhados em integrar política e população na busca de maiores condições de segurança, os delegados titulares José Carlos Lucchetta Palermo, de Mogi, e Carlos José Ramos da Silva, de Suzano, possuem objetivos comuns nos trabalhos que vêm desenvolvendo. Palermo, a frente da Delegacia de Mogi há apenas três meses, diz que o importante é a disposição em buscar soluções e não em se apontar problemas, e que seu trabalho junto a indústrias, empresários e associações

está começando com boas perspectivas. Carlos José, há oito meses em Suzano, depois de permanecer nove anos em Mogi, tem a mesma meta e já começa a obter resultados de seu trabalho iniciado há mais tempo, provando que o caminho está correto. Os dois delegados estiveram visitando a sede da revista ATO e durante as conversas apresentaram seus planos básicos de ação e suas posições a favor de uma ampla e necessária mudança em nossa legislação.



**A** Elgin Máquinas S.A. está coligada a duas outras grandes empresas, que possuem funções específicas: a Elgin Brother Industrial voltada para a produção de máquinas de costura industrial e a sua co-irmã Brother Interamericana, que comercializa as máquinas de uso industrial e que é ligada à Brother japonesa, uma das maiores do mundo no setor de máquinas de tricô e costura. O comando acionário de toda esta *holding* está nas mãos da família Feder e foi um deles, Roberto, que esteve na revista ATO há alguns dias fazendo uma visita de cortesia, quando confirmou o sucesso do lançamento do novo aparelho de ar condicionado da Elgin, o Silent Line.

### Dr. Rafael Benedito Russo

CRM 18.493

Clínica de Crianças

Especializado em Pediatria pelo Hospital São Paulo da Escola Paulista de Medicina. Título de especialista pela Associação Médica Brasileira e Sociedade Brasileira de Pediatria

Consultório  
Rua Carmela Dutra, 241  
Tel 469-9262

Residência  
Rua José Urbano Sanchez, 1.028  
Vila Oliveira Tel 469-6912  
Mogi das Cruzes

# SEGURE -SE

Pela Kimen  
você faz  
o seguro de sua casa,  
seu automóvel,  
sua moto,  
seguro de vida,  
seguro em grupo,  
transportes e  
lucro cessante.

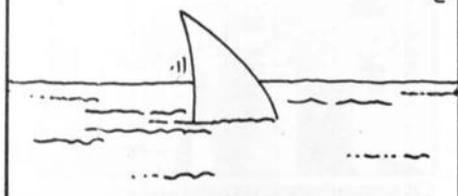
**E ainda paga em 3 vezes  
iguais e sem juros,  
ou em 7 vezes pela tarifa.  
Fazendo o seguro de  
seu automóvel, você ganha  
uma gravação contra roubo.**



**KIMEN  
SEGUROS**

R. Antonio Cândido Vieira, 425  
Tels. 469-5045 - 469-3376  
Mogi das Cruzes - SP

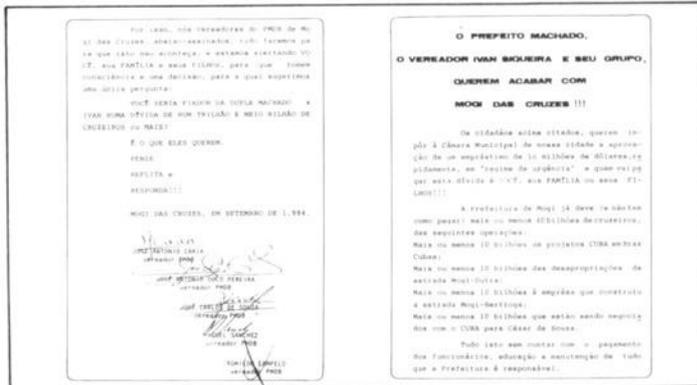
## OU ENTÃO...



C. W.



Machado e o representante da Prolex: tentativa inútil e cara



No folheto, medo da insolvência

POLÍTICA

# Agora é em dólar

*A Prefeitura tentou um empréstimo de 10 milhões de dólares para obras mas o PMDB reagiu e votou contra*

**A**o fechar questão contra o empréstimo de 10 milhões de dólares para a realização de obras na cidade, o PMDB mogiano não conseguiu apenas a sua primeira vitória contra o prefeito, mas deixou aliviado um amplo setor da comunidade que temia ver nessa tomada de dinheiro no Exterior um passo decisivo rumo à insolvência do município, cuja Prefeitura já está suficientemente endividada até o final da próxima década.

O empréstimo, que teria recursos voltados para três obras principais, entre elas a avenida perimetral ligando César de Souza e Jundiapéba, era uma providência necessária na argumentação do prefeito Machado Teixeira, mas para o PMDB local, e especialmente para o "grupo dos cinco", composto pelos vereadores Miguel Sanchez, José Antonio Caria, José Antonio Cuco Pereira, José Carlos de Souza e Romildo Campelo, um enorme risco para Mogi das Cruzes, que, como todo país, se assusta com o dólar subindo diversas vezes ao mês.

A reação do PMDB começou quando a Prefeitura contratou a firma Prolex, por Cr\$ 250 milhões, para assessorar e encaminhar projetos de empréstimos junto aos órgãos federais. Já o grupo de sustentação política do prefeito na Câmara, composto pelos oito pedessistas mais os peemedebistas Rosa Portela, Nelson Mesquita, José Marcos Gonçalves e José Cardoso Pereira, argumentava e até ameaçava os opositores do projeto, prometendo jogar sobre seus



Os vereadores, panfletando

ombros a responsabilidade da "estagnação do município".

Na verdade, este empréstimo era uma transação muito arriscada e para os cinco vereadores do PMDB bastou chegar até São Caetano do Sul para descobrir exemplos trágicos de dificuldades extremas causadas por dinheiro emprestado no Exterior. São Caetano emprestou 20 milhões de dólares, também com assessoria da Prolex, em julho de 80, para construir um terminal rodoviário. Até hoje a obra não está pronta e somente para pagar juros deste ano a Prefeitura terá de gastar mais de Cr\$ 6 bilhões. O endividamento chegou a tal ponto que atualmente São Caetano está com suas contas correntes no Banco do Brasil bloqueadas, o mesmo ocorrendo com o Fundo de Participação dos Municípios. Seu prefeito, tentando ser otimista, diz que a cidade só se livrará desse peso daqui a 20 anos. São Caetano não é a única que enfrenta o problema: Santo André também emprestou US\$ 6,5 milhões em 1979 para construir um Centro Regional de Abastecimento.

Além dos exemplos fáceis e da demora que estes empréstimos demandam — Rio Claro solicitou alguns milhões de dólares em 81 e só agora vai começar a ver a cor do dinheiro — os vereadores peemedebistas que lutaram contra a idéia destacavam o fato do prefeito ter enviado à Câmara um "projeto vazio", isto é, com o detalhamento das obras somente na mensagem que o introduzia para a apreciação do Legislativo. Mais: o grupo dos cinco começou a perceber que não só seriam jogadas sobre eles as acusações de que estavam indo contra o progresso da cidade, pois tentava-se também envolver nisso o Projeto Cura — já aprovado pela Câmara — e que na verdade é tocado com verbas do BNH, estando fora desses 10 milhões de dólares.

O prefeito e todo seu grupo liderado por Ivan Siqueira, alegava uma ligação íntima entre os dois empréstimos, fato que não existia a não ser que a Prefeitura já estivesse imaginando que em

final de governo e com uma possível mudança do regime a partir de 85, os contatos com o Ministério do Interior estariam-se tornando infrutíferos e que a saída seria buscar, com os dólares em caixa, o seu próprio Cura.

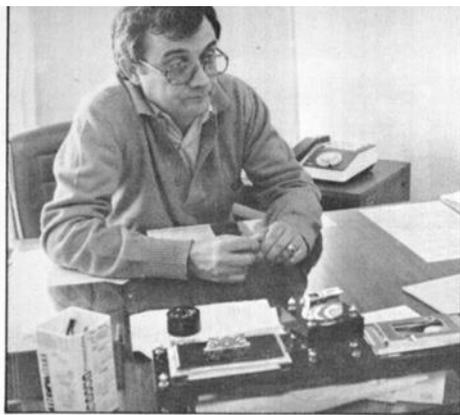
As pressões foram tantas que os cinco vereadores foram obrigados a mandar imprimir e distribuir 10 mil cópias de um boletim, assinado, informando a população sobre suas posições, destacando dívidas que a Municipalidade possui e o raciocínio que os levava a lutar contra um empréstimo que chegaria a mais de Cr\$ 1 trilhão daqui a cinco anos.

Na luta travada na Câmara, usou-se de todos os métodos para derrubar o projeto, desde as conversas a portas fechadas até um convite feito ao delegado seccional Murilo Pereira, que deu, sem querer, motivo para que o projeto não fosse votado na última segunda-feira do mês passado, pois sua palestra ocupou toda a sessão. Algumas horas depois, naquele dia mesmo, o diretório municipal se reuniu e, por 12 votos a sete, fechava questão contra o empréstimo, forçando os vereadores José Cardoso, Rosa Portela, Nelson Mesquita e Marcos Gonçalves a adotar outra posição, sob pena de perderem seus mandatos. Já que iriam votar a favor do empréstimo.

Vanice Assaz

## 'Meu prefeito'

**N**a visita que políticos do PMDB fizeram ao Palácio dos Bandeirantes, há alguns dias, o governador Franco Montoro, ao dirigir-se ao vice-prefeito Waltely Aquino de Oliveira, chamou-o de "meu prefeito". Essa atitude do governador deliciau os peemedebistas — afinal, era o primeiro contato dos mogianos depois do **Mogigate**, episódio que desestruturou não só o partido, mas todo o setor político da cidade. Na mesma visita, falou-se também dos 10 milhões de dólares que o prefeito queria emprestar ao Exterior. Cálculos ligeiros feitos na hora, com base nas elevações do dólar em setembro, chegaram a este resultado: se tomado no início desse mês, quando o dólar estava valendo Cr\$ 2.141,00, ao final de setembro a dívida já teria crescido Cr\$ 1 bilhão e 490 milhões, pois o dólar saltou para Cr\$ 2.290,00.



Cardoso: nem sempre um bom lugar

CÂMARA

## Fim da linha

*Cardoso já se prepara para deixar presidência da Mesa*

Uma rápida conversa com o atual presidente da Câmara Municipal de Mogi das Cruzes, vereador José Cardoso Pereira, 41 anos, professor de História e Geografia, torna mais incompreensível a estranha atração que muitos dos seus companheiros têm pelo cargo que ele deixará no início de 85, quando um novo presidente do Legislativo será escolhido pelo voto direto de seus pares.

Apesar de afirmar que o posto que assumiu há dois anos é "bom para adquirir experiência na vida pública", José Cardoso mostra que as funções de presidente não são tão invejáveis quanto parecem. "Acho que o maior problema do presidente é a função conciliatória. Às vezes, ela pode ser considerada como o conciliar de interesses e não é isso. Um presidente deve conciliar grupos e muitas vezes corre o risco de ser taxado como um vereador em cima do muro".

Mesmo com uma posição de destaque, cobijada pelo status que aparentemente pode oferecer, repleta de atribuições especificadas na seção IV do Regimento Interno, José Cardoso acredita que politicamente um presidente de Câmara só saia perdendo: "Acho que perdi especialmente por ter agido sempre assim. Intimamente pode não estar sendo o que eu pretendia quando eleito vereador, mas aceito tudo isso por acreditar que estou atuando de maneira correta".

Para ele, que até hoje não esconde um certo nervosismo quando a ordem do dia indica matérias polêmicas e que geram discussões acirradas no Plenário, o momento mais difícil que teve de enfrentar e conduzir foi o julgamento do atual prefeito no caso do *Mogigate*. "Foi uma sessão dolorosa e muito difícil, que correu perfeitamente bem, mas que marcou".

Com uma verba de Cr\$ 72 milhões mensais, usada para o pagamento dos 17 vereadores, funcionários e gastos com manutenção, os três carros, gasolina, luz e telefone, a Câmara Municipal fez com que José Cardoso abandonasse as 36 aulas que dava nos colégios da região, ficando só com 12 aulas entre a Ponte Grande e Sabaúna e também largasse o curso de Licenciatura na PUC. Hoje ele tem uma receita

para todos os que já se declaram seus futuros sucessores, como José Marcos Gonçalves, Romildo Campelo, José Cuco Pereira ou Norberto Engelender: "Um bom presidente tem de ter trânsito livre em todos os partidos representados na Câmara, em todos os blocos formados e especialmente a confiança de todos".

Dada a receita, José Cardoso não esconde que aguarda ansiosamente o dia em que deixará a presidência do Legislativo mogiano para "poder voltar a lutar pelos ideais políticos do PMDB, porque aqui, na função que estou hoje, fica-se muito preso e não dá para participar como eu gostaria".

PARTIDOS

## Novos rachas

*Luta pelo diretório do PMDB começa cedo e será árdua*

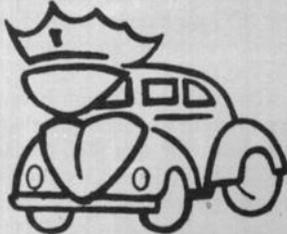
A convenção do PMDB mogiano, que será realizada somente no mês de junho, já está sendo aguardada com expectativa e previsões de novos rachas no partido que precisa procurar composições que renovem sua imagem desgastada junto ao eleitorado e à opinião pública. A escolha dos novos integrantes do Diretório Municipal, como sempre, girará em torno do grupo liderado pelo advogado Rubens Magalhães, apesar de concorrerem outras alas do partido, uma delas encabeçada pelo



Lacaz: "Eles não gostam de povo"

médico e ex-candidato a deputado federal Luiz Roberto Lacaz. Na cidade, correm boatos de que o prefeito Machado Teixeira estaria aliado a Lacaz, levando também a reboque o ex-candidato a prefeito e ex-secretário municipal, Aécio Yamada, para quem a cadeira da presidência estaria sendo prometida. Lacaz desmente essas versões e faz questão de deixar claro: a última vez que viu o prefeito foi logo após sua eleição, "quando, em minha casa, ele me pediu que o auxiliasse num plano de governo. Não tenho compromissos com qualquer grupo do prefeito ou do Aécio, nem mesmo afinidades ideológicas, já que gosto do cheiro do povo e não posso andar com quem não gosta", diz Lacaz, que prefere não falar ainda da convenção de junho. Lacaz está trabalhando suas bases e afirma possuir um número significativo de fichas de filiação, além de estrutura montada para enfrentar qualquer obstáculo. "Haverá disputa na convenção. Isso é previsível e revigorante para o partido".

**estacionamento  
e lavagem**

**GILSON  CAR**

- estacionamento com seguro contra roubo e incêndio
- lavagem simples e completa
- troca de óleo
- coleta e entrega de veículos à domicílio

Rua Major Pinheiro Franco, 155  
Rua Prof. Flaviano de Mello, 690  
Tel. 469 6660

# Tancredo ou Maluf?

Dois mogianos falam de sucessão, cada um defendendo o seu candidato

**ATO** – Direto a Tancredo ou diretas já?

**BUERIS** – As diretas são programáticas e a emenda Teodoro Mendes está tendo todo o apoio do partido. Acho que temos de lutar por elas até o fim e especialmente quando observamos que é uma saída honrosa para o presidente Figueiredo. Por isso, esta emenda tem uma chance melhor, embora saibamos o quanto os malufistas vão obstruí-la.

**ATO** – E o Tancredo?

**BUERIS** – O nome de Tancredo Neves representa a transição necessária. Ninguém larga o poder sem ter confiabilidade no seu sucessor e o ex-governador mineiro representa isso – é o caminho hoje para a democratização sem rupturas, já que o tecido social está tão debilitado e qualquer outra maneira de arrancar esse pessoal que está no comando seria um processo sangrento, cujo pagamento seria feito pelo povo. Por isso acho que Tancredo é a alternativa.

**ATO** – E a escolha de Sarney para a vice-presidência? Tudo isso não desgasta o PMDB?

**BUERIS** – O PMDB não está buscando a presidência e Tancredo é apenas uma corrente dentro do partido. O PMDB, na pessoa de Ulysses Guimarães, quando renunciou a um direito dele, mostrou que quer transformações sem personalismo. A vice-presidência faz parte de um acordo que o partido vai cumprir com objetivos muito acima de tudo isso.

**ATO** – Quais são estes objetivos?

**BUERIS** – A eleição de Tancredo Neves, que terá o mérito de derrubar Maluf, que representa o fascismo corrupto. Maluf é a síntese mais perfeita da corrupção, do arbítrio, da imoralidade. É o fruto do que há de pior nestes últimos 20 anos. Ele jamais teve respaldo popular e onde vai leva podridão! Acabou com o PDS no Estado, acabou com o PDS a nível nacional, criou a Paulipetro. A sua obsessão mostra que seu apetite de poder não tem limite.

**ATO** – E quais suas expectativas diante de um governo Tancredo?

**BUERIS** – Acho que o partido deve exigir que ele convoque uma Assembleia Nacional Constituinte. Ele tem feito declarações comprometendo-se com um Congresso com poderes constituintes, o que não é bom pois as coisas podem se repetir. É preciso que pessoas como um Lula, um Godofredo Telles façam parte de uma Assembleia Constituinte, e creio que o partido deveria exigir isso.

**ATO** – Mas os pronunciamentos de Tancredo são marcados por um tom muito moderado e em nada prenunciam grandes mudanças.

**BUERIS** – Acredito que é uma tática do Tancredo, que nunca teve um discurso tão desbotado como o atual, apesar de sabê-lo muito moderado. Acho que ele está querendo construir o epílogo de sua vida, epílogo de um homem que já foi tudo neste país, sempre eleito pelo voto do povo. Sei que ele é um liberal e esta teoria já está ultrapassada, mas é um homem que não desagrada ninguém e é nossa alternativa agora.

**ATO** – Se a emenda for aprovada e o país for às diretas, quem é o seu candidato?

**BUERIS** – Creio que o candidato do PMDB seria Ulysses Guimarães porque São Paulo tem um colégio eleitoral muito significativo e Ulysses possui também reduto eleitoral em todo o país. Mas Tancredo também teria possibilidades e acho que os dois dividem as chances, 50% para cada um. Ulysses é um homem mais avançado em termos de postura e propostas políticas e eu ficaria com ele.



Jair Bueris tem 38 anos, é delegado do PMDB mogiano, suplente do Conselho de Ética do partido e trabalha na Diretoria de Participação Social da Emplasa.



Antônio Andari tem 50 anos, é diretor da Abite Turismo, e sempre participou da política indiretamente, organizando campanhas eleitorais de Waldemar Costa Filho e Junji Abe.

**ATO** – Maluf no colégio eleitoral ou Maluf nas diretas?

**ANDARI** – Eu sou pelas diretas já e com Maluf na cabeça. Ele ganha também pelas diretas porque tem no governador Montoro o seu maior cabo eleitoral. Montoro não conseguiu provar até agora nenhuma corrupção no governo anterior e porque também não fez e nem vai fazer algo que supere Maluf.

**ATO** – Mas os malufistas, em geral, abominam as diretas...

**ANDARI** – Maluf é um homem obstinado e que segue as regras do jogo. Estas regras hoje são o colégio. Essa obstinação do Maluf é uma das suas grandes qualidades e todos sabem que todo homem de sucesso é obstinado, tem um ideal e o segue.

**ATO** – Como você vê a Frente Liberal e até os ex-malufistas que a aderiram?

**ANDARI** – É uma coisa muita feia mas faz parte do jogo político. Aceito como jogadas políticas. O Aureliano, por exemplo, até ontem achava o sistema bom. Foi um governador biônico, um vice-presidente biônico e no momento que não teve forças para superar o Maluf passou a criticar tudo. O Sarney foi considerado o maior traidor da pátria pela oposição e hoje está ao lado dela. O próprio Tancredo nunca foi um peemedebista e hoje está lá porque o PP não foi para frente. O PMDB também é um saco de gatos, como o PDS.

**ATO** – Quais são as suas expectativas com Maluf no Planalto?

**ANDARI** – Espero um grande governo. Primeiro que ele como o obstinado que é já possui um definido plano de trabalho, o "Brasil Esperança". Acho que deverá dar prioridade para os problemas da recessão econômica e, neste sentido, como empresário e grande administrador que é ativar a economia brasileira.

**ATO** – Deve-se esperar também uma caça às bruxas como as demissões atuais parecem prenunciar?

**ANDARI** – Acho que Maluf não pediu estas demissões. Quando ele foi eleito governador seu maior inimigo era Laudo Natel e ele sempre procurou estender a mão para este, dando sinais claros de humildade e nobreza de caráter. Não haverá caça às bruxas e mais: sei que Maluf não abandonará amigos pelo caminho como fez e faz Montoro.

**ATO** – São gerais as opiniões de que Maluf não tem respaldo popular...

**ANDARI** – Numa eleição pelo colégio eleitoral ele não precisa de respaldo popular. No sistema atual acho que um presidente não precisa disto e este respaldo ele poderá conseguir com seu trabalho. Quando ele foi governador também não tinha e superou. Acho que é uma coisa que se consegue com trabalho, pois como a imprensa, que é uma força incalculável, está criticando-o hoje, especialmente o Estadão, poderá ajudar a construir este respaldo popular mostrando o trabalho que ele vai fazer. A imagem que o povo faz é aquela que a imprensa mostra.

**ATO** – Com Maluf na presidência Mogi ganharia alguma coisa especial?

**ANDARI** – Ganha e ganha muito porque ele já demonstrou carinho especial por Mogi, que foi a sua segunda maior votação no estado e mais: o deputado Maurício Najar é um dos elementos fortes de sua campanha e é o deputado de nossa região.

**ATO** – O apoio do presidente Figueiredo é essencial para Maluf?

**ANDARI** – Figueiredo está perdido. Perdeu o controle do barco e não se pode esperar nada dele e do seu final de mandato. Ele também está com pontos negativos na opinião pública e não ajuda em nada. É uma força mas não preponderante.

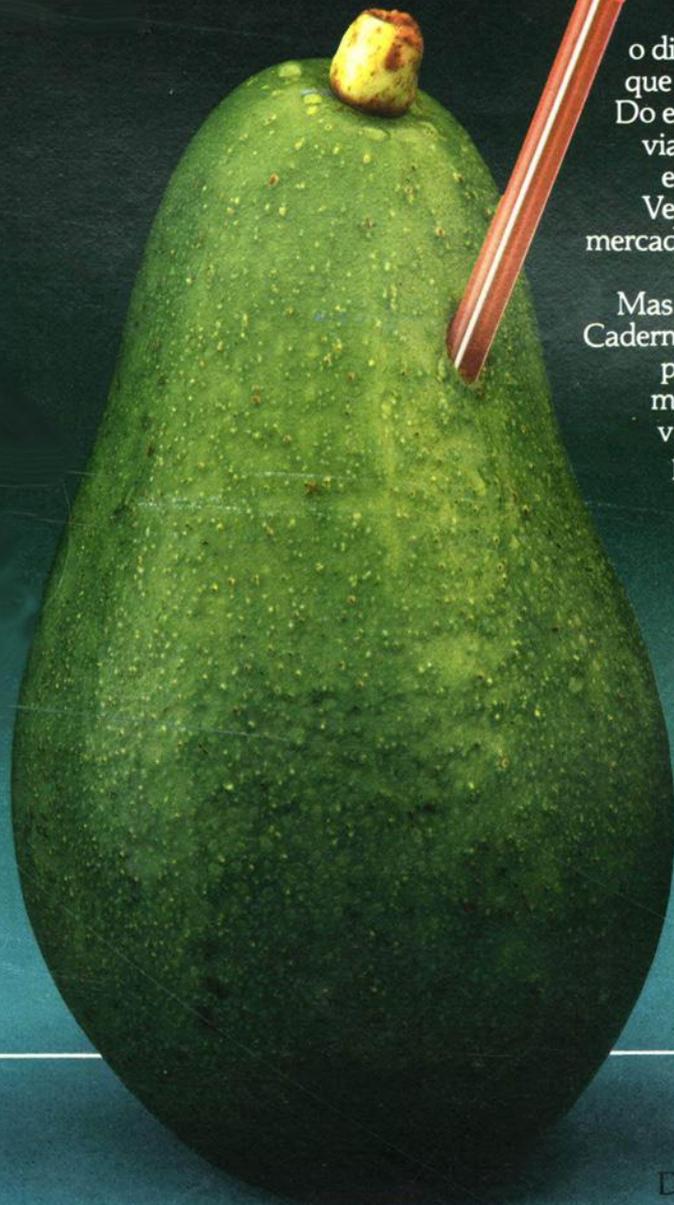
# SESSÃO DE GALA



Um elenco de primeira,  
reunido para você presentear com classe,  
bom gosto e originalidade. Em grande estilo.  
Artigos em prata, cristais, cerâmica,  
porcelana e metais finos.  
E mereceria outro nome  
a sessão de presentes Livroeton?

**LIVROETON** PRESENTES

# Quem compra com financiamento do Banco Real fica mais forte.



O Banco Real tem - fácil e rápido - o dinheiro que você precisa para comprar o que quiser. Do vídeo-cassete ao automóvel. Do eletrodoméstico à casa própria. Inclusive viagens para os quatro cantos do mundo e equipamentos para profissionais liberais. Venha buscar. Além das menores taxas do mercado, você conquista os pontos do Sistema Realmaster de Vantagens Progressivas. Mas se você já tem Conta Corrente, Seguro, Caderneta de Poupança, ou se utiliza de outros produtos e serviços do Banco Real, tanto melhor. Porque os computadores do Real vão somando os pontos gerados em cada produto para que, a partir de um limite, você ganhe vantagens que crescem progressivamente. E redução na taxa de crédito pessoal é uma entre tantas vantagens desse Sistema pioneiro e exclusivo do Banco Real. As outras você pode conhecer melhor conversando com o gerente. Você vai ver que o Sistema Realmaster de Vantagens Progressivas foi feito para você ganhar mais dinheiro. E ficar mais forte. Cada vez mais.

Este Sistema, assim como o Extrato Consolidado, Extrato Descomplicado, Disque Real, Realmatic, Banco 24 Horas, Cheque Realmaster, além de outros produtos e serviços que o Banco Real oferece, são resultados de uma avançada tecnologia de computadores utilizada em benefício de seus clientes. Isso é fazer mais.

**BANCO REAL**

O Banco que faz mais por seus clientes.

